



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

EDILENE DE SOUZA LEITE

**A MORAL NO POSITIVISMO DE AUGUSTO COMTE**

---

Londrina  
2014

EDILENE DE SOUZA LEITE

**A MORAL NO POSITIVISMO DE AUGUSTO COMTE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Tiski

Londrina  
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina.**

### **Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

L533m Leite, Edilene de Souza.  
A moral no positivismo de Augusto Comte / Edilene de Souza Leite. –  
Londrina, 2014.  
75 f.

Orientador: Sergio Tiski.  
Dissertação (Mestrado em Filosofia) □ Universidade Estadual de  
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-  
Graduação em Filosofia, 2014.  
Inclui bibliografia.

1. Comte, Auguste, 1798-1857 – Teses. 2. Positivismo – Teses. 3.  
Ética – Teses. 4. Filosofia francesa – Teses. I. Tiski, Sergio. II.  
Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências  
Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDU 1(44)

EDILENE DE SOUZA LEITE

**A MORAL NO POSITIVISMO DE AUGUSTO COMTE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Sergio Tiski  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Gustavo Biscaia de Lacerda  
Universidade Federal do Paraná – UFPR

---

Prof. Dra. Leoni Maria Padilha Henning  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Prof. Dr. Eder Soares Santos  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 22 de setembro de 2014.

Dedico este trabalho à minha querida mãe  
Maria Terezinha que me ensinou a  
escrever, a amar os livros e protegeu o  
meu direito de viver.

E a toda a minha família, amigas e amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador Tiski, por sua dedicação e atenção ao meu trabalho, por toda paciência com todos os imprevistos e interrupções, por seu acompanhamento de perto e auxílio em muitas etapas de minha formação.

Ao professor Eder por incentivar a materialização e o registro de nossos pensamentos durante o processo filosófico e por fomentar o aumento da produção em Filosofia na cidade de Londrina.

Aos colegas de curso e amigos por dividirem noites em claro a discutir as peripécias argumentativas dos autores e das ideias deste trabalho, em especial à minha amiga Viviane Priscila Miotto, e aos seus irmãos Julio Cesar Miotto e Luis Henrique Miotto. Ao Arthur por todo o carinho e o seu carácter forte, singular e inspirador. À Amanda Veloso pelos conselhos acadêmicos e os abraços quentinhos.

A todos os mestres e pessoas que dedicam suas vidas lecionando e nos ensinando a apreender a viver, a conhecer e ser feliz.

Em especial agradeço à Professora Leoni por suas contribuições a todo o trabalho e por suas observações tão sensíveis e relevantes que auxiliaram para o encontro de um caminho suave para a exposição dos resultados da pesquisa.

Ao Professor Gustavo Biscaia de Lacerda por todas as observações, pelas críticas e indicações de leitura.

E ao Professor César de Alencar Arnaut de Toledo por ter fornecido ótimos comentários.

À Rosely e à Rosemeri da Secretaria de Pós-graduação por toda a atenção e carinho com o meu trabalho e toda a ajuda em todas as fases do curso.

E à minha família toda por todo amor, carinho e muita paciência em minhas ausências. Por todo o suporte emocional e a colaboração em todos os momentos até a conclusão desta etapa de minha vida.

E também ao Professor Edmilson Pascoal que durante um encontro de dissertações em andamento, como debatedor, identificou traços em minha dissertação de uma linha de pesquisa que me cativou – filosofia da mente.

*Não procure seguir as  
pegadas dos mestres; procure o  
que eles procuraram.*

Provérbio Zen

LEITE, Edilene de Souza. **A moral no Positivismo de Augusto Comte.** Dissertação de Mestrado em Filosofia. Área de pesquisa: Subjetividade e Contemporaneidade – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. 75 f. Orientador: Dr. Sergio Tiski.

## RESUMO

Esta dissertação busca abordar o conceito de moral para o autor Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (nascido em 19/01/1798, Montpellier – falecido em 05/09/1857, Paris), também conhecido por ser o fundador do positivismo. Comte propõe uma classificação hierárquica para as ciências positivadas. E classifica a partir do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade*, volume II, capítulo primeiro, escrito de 12/1850 a 01/1851, as ciências em sete: matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia e moral. A moral vem a ser o sétimo núcleo de fenômenos constitutivos da realidade (os fenômenos humanos) cujo método específico é o método subjetivo ou construtivo (sucendo o método histórico, específico da sociologia). E a moral se torna a ciência suprema e o método supremo e final no sistema de filosofia positiva. Considerando toda a obra de Comte, mas focando no *Curso de filosofia positiva*, que expõe a natureza do conceito de positivo e a proposta de hierarquia das ciências; no *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, que apresenta a religião da humanidade; no *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade* que trata da moral explicitamente e que apresenta a proposta do tratado de moral para a *Síntese subjetiva*, citando os conteúdos referentes aos 7 capítulos; e por fim no *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma* que fundamenta a possibilidade da passagem do egoísmo para o altruísmo. E para desenvolver este trabalho expomos inicialmente em que contexto a moral se institui no pensamento de Comte partindo do pressuposto que a moral sempre esteve presente na vida/pensamento e obra de Comte. Em seguida apresentamos o posicionamento da moral enquanto sétima ciência positiva que trata dos fenômenos humanos e as ideias de Comte apresentadas no *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma*. E por último apresentamos algumas características desta moral enquanto moral positiva.

**Palavras-chave:** Filosofia. Ciência. Comte. Positivismo. Moral.



LEITE, Edilene de Souza. **The moral in the Positivism of Augusto Comte**. Master Degree's Philosophy Dissertation. Area of research: Subjectivity and Contemporary – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. 75 p. Orientater: Dr. Sergio Tiski.

## ABSTRACT

This dissertation seeks to address the concept of morality to the author Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (born in 01.19.1798, Montpellier - died on 05/09/1857, Paris), also known for being the founder of positivism. Comte proposed one hierarchical classification to the positive's sciences. In addition, from the *System of positive polity, or Treatise on sociology: Instituting the religion of humanity*, Volume II, Chapter 1, written from 12/1850 to 01/1851, the sciences become seven: mathematics, astronomy, physics, chemistry, biology, sociology, and moral. The Moral then becomes the seventh core constituent phenomena of reality (the human phenomena) which the specific method is the subjective or constructive method (succeeding the historic method, sociology's specific). The morality becomes the science's and method supreme and final in the positive philosophy system. Considering all the work of Comte, but focusing on *The course of positive philosophy*, which exposes the nature of the concept of positive and the proposed hierarchy of sciences; in the *Discourse preliminary on the nature of positivism*, which presents the religion of humanity; in the *System of positive polity, or Treatise on sociology: Instituting the religion of humanity* where the moral is explicitly presented to the proposed of treaty for the moral to *The subjective synthesis*, citing the contents related to the 7 chapters; and finally in the *Table of eighteen functions of the brain or soul* that underlies the possibility of passing from selfishness to the altruism. To develop this work we initially expose in which context the moral establishes in the thought of Comte assuming that morality has always been present in Comte's life/thought and work. Then we present the positioning of moral as the seventh positive science, which deals with human phenomena, and the ideas of Comte presented in *Table of eighteen functions of the brain or soul*. Finally, we present some features of this moral while positive moral.

**Key words:** Philosophy. Science. Comte. Positivism. Moral.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Modelo frenológico .....52
- Figura 2** – Classificação positiva: *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma* .....54

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO I – O CONTEXTO DA INSTITUIÇÃO DA MORAL EM COMTE.....	13
CAPÍTULO II – A SÉTIMA CIÊNCIA POSITIVA .....	45
CAPÍTULO III – A MORAL POSITIVA .....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	68
REFERÊNCIAS.....	72
BIBLIOGRAFIA .....	74

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é abordar o conceito de moral positiva em Augusto Comte, o método utilizado é o de análise textual, o problema se encontra na estruturação da moral enquanto ciência.

O problema da moral é um tópico recorrente nos debates filosóficos, pelo menos desde os tempos da antiguidade grega, tanto no que se refere à conceituação do que é a moral, quanto no que diz respeito à busca por uma definição do que seja o ato moral, e a fundamentação válida para esta moral. Muitos filósofos propõem abordagens teóricas a respeito dos fenômenos morais.

Augusto Comte (1798-1857) propõe a moral como uma ciência teórica e prática que vise, enquanto teoria, o conhecimento da natureza humana e, enquanto prática, o aperfeiçoamento desta natureza humana. Propõe que a finalidade desta ciência é conhecer na sociedade o desenvolvimento da simpatia, e afirma que naturalmente podemos passar do egocentrismo para o sociocentrismo, o altruísmo. O autor resume essa possibilidade no seu *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma*. O quadro cerebral justifica a possibilidade do agir moral no ser humano sem a necessidade de um deus sobrenatural. Este quadro apresenta a natureza humana tripartida entre sentimentos, inteligência e caráter. Apesar da relativa distância no tempo da elaboração do quadro, a relevância de abordagem do tema se justifica pelo trabalho de Comte continuar atual, pois este não apenas está em coerência com as vertentes materialistas das pesquisas de neurociências cognitivas e afetivas, como com algumas pesquisas sobre a natureza dos fenômenos morais.

Existem três acepções de moral em Comte. A primeira acepção de moral diz que ela é um **fato natural no indivíduo**; a segunda acepção, **algo exterior ao indivíduo** e a terceira acepção como **relação e condição de organização**. Estas acepções podem ser encontradas ao longo de toda a obra de Comte. Mas a proposta da moral como ciência percorre uma trajetória linear. Esta trajetória está ligada primeiramente à busca de Comte por um sistema que supere a sistematização hierarquicamente sobrenatural da sociedade, que leva Augusto Comte a reunir (a partir dos seus estudos do desenvolvimento do espírito humano) a lei dos três estados

intelectuais. Estes estados são a lei sociológica. Sendo estes: os estados fictício, metafísico e positivo. Devendo o estado positivo prevalecer sobre os demais, por ser considerado o clímax espiritual, e ser a concepção de filosofia positiva ainda a ser sistematizada. Ao realizar a sistematização da filosofia positiva no *Curso de filosofia positiva*, Comte destaca o grupo dos fenômenos sociais dentre os fenômenos fisiológicos e propõe uma nova ciência para tratar destes fenômenos: a física social, a sociologia. Para este fim, o filósofo notou a necessidade de resumir os conhecimentos. Para resumir, ele organizou as ciências naturais de acordo com os fenômenos e a relação de dependência que cada ciência mantinha com outras, propondo deste modo uma hierarquização para estas ciências, cuja sistematização equivale à positivação. Por fim, até 1850/1851 a hierarquia das ciências era composta por seis ciências fundamentais: matemática, astronomia, física, química, biologia e sociologia. E a partir do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade*, volume II, capítulo primeiro, escrito de 12/1850 a 1/1851, as ciências passaram a ser sete.

Comte propôs, portanto, uma moral científica, como a 7ª ciência fundamental, na sequência da sociologia, cujo método específico é o método subjetivo ou construtivo (sucendo o método histórico, específico da sociologia), e cujo objeto são os fenômenos humanos (sucendo os fenômenos sociais, específicos da sociologia). Ainda no mesmo capítulo primeiro do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade* a moral é dividida explicitamente, pela primeira vez, em teórica e prática. E no *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade IV*, de 1854, a moral prática é identificada com a educação.

A moral é incluída então como o 7º núcleo de fenômenos constitutivos da realidade, ou seja, os fenômenos humanos, e assume o último grau da hierarquia positiva das ciências, o grau de 7ª ciência, e traz consigo o método subjetivo, tornando-se o 7º método, e como tal, passa a ser a ciência e o método supremo e final do positivismo comtiano.

Apesar de a moral ocupar um papel central no pensamento de Comte alguns manuais de filosofia e alguns pesquisadores ignoram a moral no pensamento do autor. Alguns param com a leitura na “criação da sociologia”, sob o argumento de que Comte, após uma crise mental, havia perdido sua qualificação.

Em nossa leitura consideramos toda a obra de Comte, mas focamos no *Curso de filosofia positiva*, que expõe a natureza do conceito de positivo e a proposta de hierarquia das ciências; no *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, que apresenta a religião da humanidade; no *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade* que trata da moral explicitamente e que apresenta a proposta do tratado de moral para a *Síntese subjetiva*, citando os conteúdos referentes aos 7 capítulos; e por fim no *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma* que fundamenta a possibilidade da passagem do egoísmo para o altruísmo.

Estruturalmente esta dissertação busca analisar o conceito de moral enquanto ciência, e para desenvolver este trabalho expomos inicialmente em que contexto a moral se institui no pensamento de Comte apoiando-nos principalmente nas leituras de Tiski sobre a obra de Comte, que defende a tese de que a moral sempre esteve presente na vida/pensamento e obra de Comte, e também ser o âmbito moral entre o teórico e o prático o operador de manutenção e continuidade no pensamento do autor, apesar das várias discontinuidades. Em seguida, apresentamos o posicionamento da moral enquanto sétima ciência positiva, que trata os fenômenos humanos, e as ideias de Comte apresentadas no *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma*. Por último apresentamos algumas características desta moral enquanto moral positiva.

Ao final incluímos uma bibliografia com o intuito de informar ao leitor as obras relevantes de Comte, e outras obras referentes ao positivismo e à moral, que podem ser de interesse para os que pesquisam o tema.

A nossa hipótese/tese é, portanto, a da existência da proposta de uma moral científica em Augusto Comte. É o que verificaremos.

**CAPÍTULO I – O CONTEXTO DA INSTITUIÇÃO DA MORAL  
EM COMTE**

*Eu sou eu e minhas  
circunstâncias.*

Ortega y Gasset



Neste primeiro capítulo visamos apresentar e circunscrever o contexto no qual a moral instituiu-se em Comte. Apesar da dubitabilidade do nexos causal entre a contextualização histórica e o trabalho de um determinado autor, incluímos esta genealogia porque alguns manuais e historiadores da filosofia ignoram a filosofia moral de Comte<sup>1</sup>. Tiski defende a tese de que a moral sempre esteve presente na vida/pensamento e obra de Comte (2013c), também afirma que a moral, a evolução da questão da moral em Comte foi o que permitiu que o autor fizesse a manutenção e desse continuidade no seu pensamento, apesar das várias descontinuidades. A moral é auxiliada pelo relativismo, que permite a negação da religião, a seguir a revalorização do seu aspecto político moralizador e, enfim, a fundação de uma religião sem Deus sobrenatural; facultando a coerência ao passar de um racionalismo praticista para um racionalismo praticista sentimentalista, isto é, declarador do sentimento como hegemônico na vida humana.

Isidore Auguste Marie François Xavier Comte viveu por cinquenta e nove anos e deixou para a humanidade um dos sistemas filosóficos mais influentes entre os posteriores ao século XIX, não só para a Europa como também para o Brasil. Comte nasceu em 19 de janeiro de 1798 em *Montpellier*, na França, e morreu em cinco de setembro de 1857 na cidade de Paris, vivenciando de fato um período de transição histórica e cultural marcado por atividades culturais e intelectuais intensas. Podemos dizer, com certo atrevimento, que o Positivismo, como foi chamado o sistema comtiano, reflete e integra alguns movimentos deste período ocorridos na Europa.

Sabe-se que durante o Iluminismo, em contraposição ao chamado período Medieval, emergiu a desvalorização da fé e do próprio Catolicismo, em parte em virtude da crescente atuação e propagação das ideologias burguesas e das religiões

---

<sup>1</sup> Para Gustavo Lacerda esta postura de rejeição não só da filosofia moral de Comte, como de sua religião da Humanidade se apoia na *retórica da loucura* que se disseminou bastante entre os discursos de pesquisadores de Comte e que seria o resultado de um longo litígio legal da viúva Carolina Massin para reaver os bens de Comte, os direitos autorais de suas obras e a anulação de seu testamento. “Esse processo visava a permitir que Massin editasse as obras de Comte, retirando as várias referências elogiosas a Clotilde de Vaux e as referências negativas a ela própria; além disso, em associação com o ex-discípulo de Comte, o dicionarista Littré, pretendia permitir a publicação apenas do que fora escrito durante a convivência conjugal (essencialmente a *Philosophie*), classificando, não por acaso, de “produto de loucura” tudo aquilo que foi escrito *depois* da separação conjugal. O resultado desse longo litígio foi que, com base em laudos médicos, em testemunhos e na análise do testamento, a Justiça da França deu ganho de causa aos executores-testamenteiros, recusando assim a tese da loucura.” (LACERDA G., 2009, p. 6, grifo do autor).

protestantes (defensoras e apoiadoras do aumento de capital e do próprio enriquecimento) e também pelo crescente avanço científico propiciado à revolução industrial, motivando então a supervalorização da ciência.

Pouco antes do nascimento de Comte, no ano de 1748 ocorreu a publicação do texto *O espírito das leis*, de Montesquieu, e em 1751 o primeiro volume da *Enciclopédia*, tendo à frente Diderot, Montesquieu e Voltaire. Com as ideias desses enciclopedistas e com a ajuda da burguesia foi impulsionado o desenvolvimento das ciências, engrandecendo a razão como o agente propulsor do progresso social e cultural, no contexto de declínio da religião.

Como consequência de ter nascido algumas décadas após este contexto, não surpreende que Comte tenha debatido sobre os temas do Iluminismo, então em ebulição, chegando a formular um sistema integrador e conciliador de ambos os aspectos presentes no contexto histórico de seu período.

Se, por um lado, o positivismo reflete características do Iluminismo, mais especificamente as características ligadas aos avanços das ciências e à desvalorização da religião, por outro lado, além de marcar a crença exacerbada no progresso científico, reconcilia a religião aos processos de desenvolvimento social e cultural humanos<sup>2</sup>.

Nota-se na vida de Comte, desde a adolescência, que empenhou-se em assuntos diferenciados e escreveu textos sobre diversos temas. Entre estes escreveu sobre matemática, política, liberdade de imprensa, moral, etc. Mas algo interessante quando analisamos os escritos de Comte em seu conjunto é que podemos observar que, a partir dos dezenove anos de idade, destaca-se entre os temas, um foco mais explícito e os escritos se organizam na direção da construção de um sistema filosófico, conhecido por sistema de filosofia positiva.

Tiski em seu texto *Introdução à vida, às obras e ao pensamento de Comte* divide a vida e obra de Comte em dois grandes períodos, de 1798 a 1844/1846 e de 1844/1846 em diante. Resume o primeiro período em relação ao desenvolvimento doutrinário de Comte dizendo: “Esse tempo (1817-1845) se encerrou humanista-sociologista, e afirmador da supremacia da moral (amalgama individual e social). A

---

<sup>2</sup> Exploramos as características do positivismo comtiano no terceiro capítulo.

moral (poder espiritual) é o ponto da descontinuidade e da continuidade em Comte.” (2013a, posições 274-286).

Este período, entre 1817-1845, que se encerrou humanista-sociologista e afirmador da supremacia da moral (dos dezenove aos quarenta e sete anos), pode ser dito sociologista, porque os três últimos volumes do *Curso de filosofia positiva* fundam a sociologia, cujo objeto é a sociedade; e humanista, em primeiro lugar, porque a humanidade é sinônima de sociedade, o humano é o formador do social, em segundo lugar, e principalmente, porque Comte está propondo um humanismo como alternativa ao teísmo sobrenaturalista. Essa acentuação do coletivo e da humanidade é exatamente a acentuação da supremacia da moral, pois ela é justamente a viabilizadora da sociedade.

A fundação da sociologia é decorrente da percepção de Comte da necessidade de uma categoria distinta de ciência para tratamento dos fenômenos sociais, pois até esta distinção, estavam posicionados entre os fenômenos fisiológicos. A verificação desta necessidade surgiu ainda do exercício ao qual Comte propôs-se a executar de sistematização de uma nova mentalidade filosófica.

Em meio ao crescimento conturbado em uma família católica e monárquica e ‘incendiado’ com uma educação efervescente de ideias iluministas, Comte entendeu que a sistematização sócio-econômico-político-cultural sobrenaturalista (no sentido de estar baseada no sistema sobrenatural) estava falida.

Este entendimento o levou a reivindicar/propor um sistema novo: o sistema positivo. Este sistema foi pensado por ele como um sistema terrestre contrapondo-se ao supraterrrestre (sobrenatural). Na busca de esclarecer esta mentalidade, Comte debruçou-se sobre a tarefa de determinar o que seria a filosofia positiva e de definir qual era a sua natureza. A partir das ciências positivadas: a matemática, a astronomia, a física, a química e a fisiologia, Comte extraiu uma concepção da mentalidade positiva.

Em dezembro de 1829, Comte designou alguns parágrafos no *Avertissement de L’Auteur* para definir o que ele entendia por filosofia. Devido ao uso abusivo do termo filosofia ser utilizado em múltiplas acepções diversas ele observou a necessidade de esclarecê-lo para evitar equívocos. Comte cita como referência um dos seus grandes mestres, o Aristóteles:

Eu me limitarei, portanto, nesta *Advertência*, a declarar que emprego o termo *filosofia* na acepção que os antigos lhe davam, e particularmente Aristóteles, como designando o sistema geral das concepções humanas; e, acrescentando o termo *positiva*, anuncio que considero esta matéria especial de filosofia que consiste em ver as teorias, em qualquer ordem de ideias que seja, como tendo por objeto a coordenação dos fatos observados. (COMTE In LITTRÉ, 1877, grifo do autor, tradução nossa).

Já a elaboração do conceito de positivo se conforma com os estudos do desenvolvimento dos seres humanos em suas diversas esferas de atividades realizados por Comte. Comte observou três tipos de hipóteses utilizadas para explicar os fenômenos, cujas hipóteses reuniu na chamada 'lei dos três estados'. A lei dos três estados intelectuais é o ponto de partida e a referência central da filosofia positiva. É o fruto da análise de Comte sobre o desenvolvimento do espírito humano e sintetiza os estados dele. Comte apresenta no *Curso de filosofia positiva* a lei dos três estados intelectuais:

Estudando, assim, o desenvolvimento total da inteligência humana em suas diversas esferas de atividade, desde seu primeiro voo mais simples até nossos dias, creio ter descoberto uma grande lei fundamental, a que se sujeita por uma necessidade invariável, e que me parece poder ser solidamente estabelecida, quer na base de provas racionais fornecidas pelo conhecimento de nossa organização, quer na base de verificações históricas resultantes de um exame atento do passado. Essa lei consiste em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo. (COMTE, 1978a, p. 35-36).

A lei dos três estados intelectuais é a lei do desenvolvimento social-histórico. Neste esboço, o espírito humano, por sua natureza, aplica diferentes métodos de 'filosofar' em investigações. Estes métodos são sucessivamente: o fictício/teológico, o metafísico/abstrato e o positivo/científico, e apresentam caráter essencialmente diferente e radicalmente oposto, resultando em três sistemas gerais de concepções sobre o conjunto de fenômenos, que se excluem mutuamente.

Sobre os estados cognoscitivos, para Comte, no primeiro, as hipóteses apontam para explicações através de divindades, ou ações divinas; no segundo através de abstrações e no terceiro para hipóteses verificáveis. Estes estados

funcionam para Comte como um “resumo histórico geral”, que pode ser verificado.

No estado teológico as investigações seriam dirigidas à natureza íntima das coisas, às causas primeiras e finais dos efeitos, e para os conhecimentos absolutos, apresentando os fenômenos como produzidos de forma arbitrária por agentes sobrenaturais. Para Comte esta situação, de atribuir a produção dos fenômenos aos agentes sobrenaturais é provocada pela necessidade, combinada com a impossibilidade evidente do espírito humano em formar teorias a partir de observações, que precisam de uma teoria qualquer para ver os fatos.

Comte cita e reafirma a concepção de Bacon de que somente são conhecimentos reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observados. Contudo, aquele estado teológico é entendido como parte do processo natural de desenvolvimento. O desenvolvimento espontâneo das concepções teológicas é uma porta para a observação, na medida em que essas concepções possibilitam a saída deste círculo vicioso: onde se contemplam os fenômenos sem vinculação a algum princípio e da qual não se tira nenhum fruto. Pois, se contemplados, os fenômenos sem correspondência a algum princípio, seriam, certamente, inverificáveis.

Em seguida ao estado teológico, em carácter de transitoriedade, surge o estado metafísico. O qual substitui os agentes sobrenaturais do estado teológico por forças abstratas, ou seja, entidades capazes de engendrar os fenômenos.

Estes estados, da lei dos três estados intelectuais, são identificados como revoluções. Comte afirma ser impossível definir com precisão a origem desta revolução, que se processou de forma gradativa e constante, mas afirma que este movimento, da filosofia positiva, pronuncia-se em oposição ao espírito teológico e ao metafísico a partir das concepções de Bacon, Descartes e das descobertas de Galileu.

E enfim, no estado positivo, as explicações dos fenômenos fundam-se sobre observações e há a ambição de descobrir as leis dos fenômenos. De superar as explicações sobre todos esses sublimes mistérios, e em sua perfeição — no estado positivo, poderíamos representar todos os diversos fenômenos observáveis como casos particulares de um único fato geral, como a gravitação o exemplifica. Comte assumiu que, se a filosofia positiva é o verdadeiro estado definitivo da inteligência humana, ela não deixou de ter precisado da filosofia teológica para ter progredido, progresso ao qual ela sempre tendeu progressivamente. Porém, Comte deu ao estado

positivo o prestígio de ser o clímax da humanidade espiritual. O autor define:

Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume de agora em diante na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir. (COMTE, 1978a, p. 36-37).

Comte assumiu ser a filosofia positiva o verdadeiro estado definitivo da inteligência humana e que ainda nem todos os diferentes ramos de “nossos conhecimentos” haviam percorrido “com igual velocidade as três grandes fases de seu desenvolvimento, nem, por conseguinte, chegariam simultaneamente ao estado positivo” (COMTE, 1978a, p. 45); estes estados poderiam ser observados diretamente, de forma geral e individual.

Comte também reconhecia formalmente que as ciências mais aperfeiçoadas, já haviam chegado ao estado positivo, conservando traços dos outros dois estados intelectuais, chamados por ele de primitivos, e por isto restaria ainda uma grande operação científica a ser executada para dar à filosofia positiva o caráter de universalidade (COMTE, 1978a, p. 45).

Ainda vincula ao emprego simultâneo destas três ‘filosofias’ incompatíveis a ausência de ordem social; uma vez que a sistematização sócio-econômico-político-cultural diverge ao aplicar estes métodos diferentes, nada mais poderia se esperar do que a desordem social. Assim esta simultaneidade de métodos de atuar do espírito humano é o que diminui a vitalidade da sociedade, ou seja, é o que mortifica a sociedade.

Sendo a filosofia positiva considerada como a única base sólida possível de reorganização da sociedade a extração, de fato, de uma relação entre os fenômenos sociais (a lei dos três estados intelectuais) vem a ser, além da própria positivação da sociologia, a luz para o futuro do desenvolvimento social humano. E a lei dos três estados surge então deslocando a sociologia para o campo dos conhecimentos científicos na filosofia positiva.

E uma vez que é atribuído o impedimento da ordem social à desordem atual das inteligências, Comte compromete-se em resolver este problema do uso de várias 'filosofias' para reorganizar a sociedade. Esta tarefa se alonga durante os próximos anos e, sob uma óptica externa, esta tarefa evoluiu, ampliando de várias formas a lei dos três estados.

Basicamente este processo de ampliação pode ser demarcado assim: iniciou-se com a atribuição de valoração e hierarquização dos três estados intelectuais (de acordo com a valoração respectiva: estado teológico, metafísico e positivo); após isto, Comte organiza e subdivide as espécies de conhecimentos gerados no estado positivo (podendo ser: conhecimento teórico e/ou prático) e então parte para a classificação destes conhecimentos gerados no estado positivo (podendo ser: conhecimentos gerais ou particulares, de acordo com o gênero dos fenômenos).

Podemos perceber o caráter da filosofia positiva pouco a pouco se definindo, os seus conhecimentos, os grupos de concepções, também chamados de ciências e a hierarquia destas ciências. Por isso a filosofia positiva vem a ser uma forma de ampliação da lei dos três estados.

Enquanto a lei dos três estados é indicada como a lei sociológica, esta sistematização dos modos como o conhecimento pode ser construído é também uma teoria epistemológica. A explicação de como se originam as explicações (nos estados teológico, metafísico e positivo), a classificação dos tipos de conhecimentos (conhecimento teórico ou prático positivo) e a classificação das ciências (a partir da ordem dos fenômenos gerais ou particulares) são preocupações do plano epistemológico.

Mas no plano social a presença desta relação híbrida dos três estados de espírito não só é revelada como a lei da sociologia, mas também é o mecanismo produtor das 'doenças', ou seja, as patogêneses sociais e faz pulsar a necessidade de uma unidade espiritual. Por isso o estado positivo deve prevalecer sobre os outros estados. Comte propõe a correção da aberração social por meio das ciências terrestres positivas. Na citação abaixo, Tiski resume o necessário a se realizar, segundo Comte, e, por este avanço, já menciona a moral como regulador do social:

Há que se fazer (estão sendo feitas) a filosofia, a (filosofia) moral, a (filosofia) política, a ciência, terrestres e positivas. A sociedade

industrial está às portas, está chegando, já chegou, e era o que devia ocorrer, mas há que se montar a filosofia, a moral e a política que façam o avanço ser avanço, isto é, que corrijam o desumano (a aberração), por exemplo, justamente o pretender uma “sociedade” sem moral, pois esta é exatamente o regulamento que possibilita as relações dos “sócios” e impede a autodestruição. (TISKI, 2013b, posições 58-68).

Neste caso, para Comte, a solução válida encontra-se na universalização do estado positivo, o equivalente à busca pela universalização da filosofia positiva. A primeira fagulha explícita desta lei dos três estados intelectuais, que atuará então, não só como o fundamento da filosofia positiva, estabelecendo também a identidade da própria filosofia positiva, ou seja, a lei da sociologia, da qual vai derivar a filosofia positiva neste tempo, ocorreu no ano de 1822, quando Comte, aos vinte e quatro anos, publicou o Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade (COMTE, 1972).

A lei dos três estados que aparece a partir do Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade, de 1822/1824, não se resume à lei dos três estados intelectuais. São três leis dos três estados: 3 estados **teóricos**: teológico, metafísico ou abstrato; 3 estados **práticos**: conquistador, defensivo, industrial; 3 estados **afetivos**: doméstico, cívico e universal.

Os três estados teóricos e práticos correspondem aos três estados afetivos/sentimentais, ou seja aos sociais. Sendo possível inicialmente no nível familiar, patriarcal, a associação doméstica; depois a associação em cidades e por fim enquanto humanidade.

Posteriormente em 1857 o estado positivo sofre uma sub-divisão: é subdividido em científico/filosófico e científico/filosófico/religioso, sendo o primeiro apenas um estágio transitório e só a segunda a fase definitiva. Segundo Comte:

No fundo, a ciência propriamente dita é tão preliminar quanto a teologia e a metafísica, e deve ser finalmente também eliminada pela religião universal, em relação à qual estes três preâmbulos são, um provisório, o outro, transitório e o último preparatório. O uso mesmo recusar às ciências o atributo de plena positividade, que não consiste somente na realidade das especulações, mas na sua combinação contínua com a utilidade, sempre referida ao Grande-Ser e desde então não podendo jamais ser dignamente apreciada senão a partir da síntese total, isto é, subjetiva e relativa. Na construção final, o início teológico da preparação humana não tem menos eficácia que seu



término científico. (Carta a Audiffrent, 2/2/1857, 1990, p. 400-401, tradução nossa).

Mas é em 1828, durante a ministração das aulas do *Curso de filosofia positiva*, publicado a partir de 1830, com o título de *Curso de filosofia positiva* em seis volumes, o qual tinha como tarefa caracterizar o espírito da filosofia positiva, e ainda acaba por tratar da fundação da sociologia, que Comte exhibe a necessidade de resumir os ramos dos conhecimentos: “[...] como a fundação da física social completa o sistema das ciências naturais, torna-se possível e mesmo necessário resumir os diversos conhecimentos adquiridos, que atingiram, então, um estado fixo e homogêneo, a fim de coordená-los, apresentando-os como diferentes ramos de um tronco único [...]”. (COMTE, 1978a, p. 49).

Em 1830 Comte propõe um curso de astronomia popular ao presidente da Associação politécnica; após este período até 1847 ele ministrou o curso de astronomia popular, que foi publicado como *Tratado filosófico de astronomia popular* (1844) e cujo texto introdutório foi publicado no *Discurso sobre o espírito positivo* (1843-1844). No ano seguinte, isto é, em 1848, o curso foi substituído pelo curso de História da humanidade, que gerou a publicação do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade* a partir de 1851.

Esta tarefa de resumir os ramos dos conhecimentos e apresentá-los como diferentes ramos de um mesmo tronco depura a distinção entre os grupos de fenômenos e destaca os fenômenos sociais dentre os outros, preparando e demonstrando a conformidade da física social com as outras ciências e a concepção da filosofia positiva e o seu espírito.

A concretização deste trabalho insinua a possibilidade de reorganizar ‘as inteligências’ e solucionar a desordem social, por isto Comte irá ater-se a este trabalho de hierarquização das ciências enquanto pretende recriar as bases da sociedade no *Curso de filosofia positiva*. A legitimidade das ciências concede aos cientistas, conhecedores das leis da natureza, a competência para proporcionar a reorganização da mente de toda a humanidade. Para Martins a hierarquização das ciências não equivale a uma questão epistemológica ou histórica somente, mas segundo Martins corresponde a uma conexão com o aspecto social do tempo em que Comte vivia, marcado pela desordem social instalada na França após a Revolução (MARTINS, 2010, p. 34).

Este trabalho de ordenamento hierárquico das ciências, deriva da ordem de condução dos conhecimentos à filosofia positiva, sendo a própria filosofia positiva o tronco único. Sobre a ordem de condução dos conhecimentos à filosofia positiva Comte indica que há uma ordem invariável e necessária que os diversos gêneros de concepções científicas seguiram e que tiveram que seguir em sua progressão para chegar ao conhecimento positivo, e que esta condição “conforma com a natureza diversa dos fenômenos e que se determina pelo grau de generalidade, de simplicidade e de independência recíprocas” destes conhecimentos (COMTE, 1978a, p. 93).

A base para a hierarquia destas ciências é o agrupamento dos fenômenos (os fenômenos que influenciavam mais os outros fenômenos agrupam-se em mais generalidade, simplicidade e abstração que os outros), isto leva ao encadeamento lógico natural das ciências, visando ordenar uma ciência de acordo com a apropriação de noções da mesma em relação à outra ciência, ou seja, a influência que cada uma exerce sobre a outra.

Procedendo de acordo com esta relação de dependência entre grandes categorias de fenômenos, Comte (1978a, p. 46) reconhece, distribui e apresenta esta ordem — compreendendo os fenômenos do seguinte modo: “[...] primeiro os fenômenos astronômicos, como sendo os mais gerais, simples e independentes de todos, e, sucessivamente, pelas mesmas razões, os fenômenos da física terrestre propriamente ditos, os da química, e enfim os fenômenos fisiológicos foram conduzidos às teorias positivas.”.

Desta relação de dependência entre os estudos da física orgânica com o estabelecimento das leis gerais da física inorgânicas e nasce o funículo da classificação das ciências, que mais tarde Comte findará em sete ciências<sup>3</sup>.

Aqui também Augusto sugere que estas são as quatro categorias principais de fenômenos naturais e que haveria uma grande lacuna essencial relativa aos fenômenos sociais, que estando entre os fenômenos fisiológicos merecia por sua

---

<sup>3</sup> Usamos este termo funículo porque o sistema da filosofia positiva deriva da noção essencial do que é a lei dos três estados intelectuais e meticulosamente segue este fio até o final dos trabalhos de Comte, sendo funículo ‘pequena corda, ou cordão de fibras nervosas’. Assim usamos o termo desenovelar também porque em sua ideia última de hierarquização das ciências Comte não rejeitará a lei dos três estados ou a modificará, e desenovelar indica este seguimento a fio. Assim termos como desenvolver ou desdobrar assumem diferentes noções e podem gerar concepções ambíguas a respeito da indicação de movimento que pretendemos sugerir que ocorre neste processo de sistematização da filosofia positiva a partir da lei dos três estados.

importância uma categoria distinta; esta é a primeira menção de Comte à necessidade de formar-se a ciência que veio a ser a sociologia no *Curso de filosofia positiva*.

De um modo mais simplificado e resumido, no *Curso de filosofia positiva* Comte identificou a filosofia positiva com o último estágio da lei dos três estados intelectuais. De acordo com o percurso percorrido pelos três estados por cada um dos ramos do conhecimento e, considerando o agrupamento de fenômenos e a sua relação de dependência entre estes fenômenos e a apropriação dos conhecimentos de uma ciência por outra, ele estipulou um degrau para cada ciência natural.

Assim sucede a teoria até classificar a filosofia positiva em seis ciências. Pela subordinação conclui-se esta ordem: a matemática, a astronomia, a física, a química, a fisiologia e, enfim, a física social. Após o Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade (1822) a fisiologia é denominada biologia, e a física social sociologia. A diferença entre a fisiologia e a física social está na relação quantitativa. A fisiologia trata do singular, do indivíduo e a física social do plural, da sociedade. Assim a fisiologia aborda os fenômenos particulares dos seres humanos, e a física social aborda os fenômenos coletivos da espécie humana (MARTINS, 2010).

Comte demonstra várias vezes simpatia com as teorias fisiológicas<sup>4</sup>. Principalmente pela indicação da possibilidade de se encontrar o *eu* positivo, fundamentando-se em bases científicas e racionais, passíveis à observação e comprovação em oposição à perspectiva metafísica da psicologia alemã, que sustentava a introspecção como única forma de observar os fatos interiores ou a consciência humana e que conservava ao mesmo tempo a ideia de cisão entre o corpo e a alma (MARTINS, 2010).

Martins afirma que através da fisiologia Comte acredita que a filosofia do *eu* podia ter bases não metafísicas, e para ampliar estas bases Comte se apoiou em Gall e Bichat. Bichat avança nas ciências dos seres humanos por identificar uma correlação entre a estrutura dos tecidos vegetais e animais e suas funções. Indicando por meio de sua teoria uma relação de submissão hierárquica entre as estruturas mais simples e mais complexas (MARTINS, 2010).

---

<sup>4</sup> No Exame do tratado de Broussais sobre a irritação, de 1828 (COMTE, 1972, p. 221-222) Comte menciona as contribuições das ideias de François-Joseph-Victor Broussais para a superação dos tratamentos metafísicos oferecidos pelos alemães à explicação do *eu*.

A teoria de Bichat suporta a relação de dependência dos fenômenos individuais com os fenômenos sociais e confirma a coerência da hierarquia entre as ciências e os seus fenômenos<sup>5</sup>.

Mas Comte ressalva que na ordem das concepções a última ciência — a sociologia — “que se reporta a fenômenos mais particulares, mais complicados e mais dependentes de todos os outros” (COMTE, 1978a, p. 47) não havia entrado ainda no domínio da filosofia positiva. E a sociologia estaria fazendo uso dos métodos teológicos e metafísicos, como meio de investigação e de argumentação. Por isto, tornou-se necessário fundar a física social para terminar o sistema das ciências de observação, encerrando o sistema filosófico dos modernos, em que “nenhum fenômeno observável poderia evidentemente deixar de entrar numa das cinco grandes categorias” (COMTE, 1978a, p. 49-50). Esta mesma ordem será desenvolvida posteriormente e após 1850-1851 fixará a moral como a última ciência.

Aqui vale destacar: o tratamento de Comte dedicado à fundação da sociologia já indica a importância do coletivo emergindo no pensamento de Comte. Dr. Robinet (Jean François Eugène Robinet, 1824-1899), historiador francês, positivista, em seu texto *Philosophia positiva* diz que a fundação da sociologia é a prerrogativa de que os fenômenos sociais estão sujeitos às leis estáticas e dinâmicas, assim como os fenômenos de ordem física e biológica (ROBINET, 18--, p. 59-60). O historiador também menciona uma possibilidade de distinção entre a perspectiva de Comte e outros autores sobre a sociologia. Robinet faz referência à compreensão materialista sobre a sociologia enquanto ciência.

Sob a perspectiva materialista, diz Robinet, não havia a possibilidade de considerar a sociologia uma ciência, era a mesma uma coleção de fatos, sendo o seu objeto não o mesmo sempre, e que não está ainda e nem estará terminado. Estaria

---

<sup>5</sup> Sobre a hierarquia:

“A primeira considera os fenômenos mais gerais, mais simples, mais abstratos e mais afastados da humanidade, e que influenciam todos os outros sem serem influenciados por estes. Os fenômenos considerados pela última são, ao contrário, os mais particulares, mais complicados, mais concretos e mais diretamente interessantes para o homem; dependem, mais ou menos, de todos os precedentes, sem exercer sobre eles influência alguma. Entre esses extremos, os graus de especialidade, de complicação e de personalidade dos fenômenos vão gradualmente aumentando, assim como sua dependência sucessiva. Tal é a íntima relação geral que a verdadeira observação filosófica, convenientemente empregada, ao contrário de vãs distinções arbitrárias, nos conduz a estabelecer entre as diversas ciências fundamentais. Este deve ser, portanto, o plano deste curso.” (COMTE, 1978a, p. 100).

ainda sem relações ou ligações precisas entre si, ou entre as leis naturais, sem uma ligação racional, com fenômenos que se multiplicam indefinidamente evoluindo sempre. Sobre esta concepção Robinet cita André Lefèvre, uma autoridade do materialismo: André diz ser a sociologia uma ciência aberta, em que apenas o último humano poderia fechar o ciclo, e só ele poderia formular as leis referentes a estas relações.

Assim, os phenomenos sociaes não estão até agora, submettidos a nenhuma lei apreciavel; não podem ainda dar logar a nenhuma sciencia real. O que se tem dito neste sentido até hoje não é senão, visão millenaria, senão loucura e ficção; só o último homem achará o segredo (um pouco tarde para fornecer uma base á *arte política*). [sic!] (LEFÉVRE, 1880, apud ROBINET, 18--, p. 110, grifo do autor).

Este posicionamento de Lefèvre em relação à sociologia questiona a formulação de uma teoria ou a busca de uma lei em um fenômeno considerado como inconclusivo, mas Lefèvre ignora que independente de uma evolução, talvez suposta de progressão linear, essa sociedade poderia conter em si uma lei, e mesmo sendo mutável o social poderia comportar invariáveis. E Robinet conclui haver um problema de compreensão de ordem metodológica para esta visão:

Em vez disso, diremos que, aos philosophos materialistas falta o verdadeiro espirito scientifico, que não comprehendem as condições lógicas do problema da instituição da sciencia social, que, deploravelmente, confundem aqui como por toda parte, o abstracto com o concreto, e se assemelham áqueles que tomavam o córte de pedras e a construção das escadas pela propria geometria. [sic!] (ROBINET, 18--, p. 110).

Deste modo a sociologia que estuda a existência social e comporta as leis dinâmicas e estáticas que “explicam o *consensus* e a evolução de toda a sociedade” (ROBINET, 18--, p. 108, grifo do autor) encontra na filosofia positiva um espaço próprio, um espaço enquanto ciência, em que identifica e caracteriza o seu objeto pelo estudo do ser humano vivendo em sociedade.

Este grifo das relações coletivas no processo histórico destaca o papel do ser humano em sociedade e valoriza este modo de existência em detrimento à noção de indivíduo humano, surgindo então a ideia de humanidade enquanto conjunto dos seres. Estas considerações sobre o período 1817-1845, terminado humanista-

sociologista, com esta proposta de elevação do humanismo é por fim propor também, a preponderância da moral, porque a moral tem por finalidade conciliar os sócios, os humanos e a vida em coletividade.

As obras de Comte desse período são as seguintes: Textos e fragmentos de textos iniciais não reconhecidos posteriormente (1816-1824); textos iniciais reconhecidos posteriormente (1818-1828); textos iniciais não desautorizados (1828-1835). *Curso de filosofia positiva* (1830-1842) dividido em 6 volumes: primeiro tomo *Les préliminaires généraux et la philosophie mathématique* (1ª a 19ª lição), publicado em 1830; o segundo tomo, *La philosophie astronomique et la philosophie physique* (19ª a 34ª lição) e o terceiro tomo, *La philosophie chimique et la philosophie biologique* (35ª a 45ª lição), publicados em 1835; o quarto tomo, *La partie dogmatique de la philosophie sociale, em tout ce qui concern l'état théologique et l'état métaphysique* (46ª a 51ª lição), escrito em 1839; o quinto tomo, *La partie historique de la philosophie sociale, em tout ce qui concern l'état théologique et l'état métaphysique* (52ª a 55ª lição), publicado em 1841; e o sexto tomo, *Le complément historique de la philosophie sociale et les conclusions générales* (56ª a 60ª lição), publicado em 1842. *Tratado filosófico de astronomia popular* (1844) cujo texto introdutório foi publicado com o título de *Discurso sobre o espírito positivo* (1843-1844). *Tratado elementar de geometria analítica a duas e a três dimensões, contendo todas as teorias gerais acessíveis de geometria à análise comum* (1843).

Tiski afirma que o humanismo em Comte é a principal base da moral positiva comtiana, e a moral comtiana é a sintetizadora de vários aspectos no autor, além de ser o ponto de partida e de chegada da parte sociológica do *Curso de filosofia positiva*:

Se no Curso IV, de 1839, na sua 48ª lição, Comte já falava da “humanidade” como sendo a “[...] concepção verdadeiramente capital e toda moderna, que deve tornar-se ulteriormente a principal base racional da moral positiva [...]” (p. 136), nas três últimas lições do Curso VI, de 1842, é exatamente ela que é colocada como a sintetizadora científico-filosófico-moral-política, como o ponto de chegada científico-filosófico e ponto de partida moral-político. Tratou-se da chegada à supremacia do ponto de vista humano – social / sociológico, ou, o que em Comte significa o mesmo, a chegada à supremacia da moral, no sentido de que se deve caminhar para a preponderância da moral, afastando-se, ou sempre lutando por afastar-se, da supremacia da política. Essa síntese na humanidade, ou na moral, que é exatamente o amálgama (dor) teórico-prático, o

amalgama social, a ligação entre filosofia e (filosofia) política, é afirmada de vários modos. (2013a, posição 317).

Neste ponto percebe-se que o fenômeno da existência em grupo, acaba por direcionar o foco da filosofia positiva para as relações humanas, e a partir deste momento, em que o humano passa a ser o efêmero e a sociedade o 'permanente', o conceito de humanidade emerge reclamando por um espaço coerente com a sua supremacia na filosofia e o resultado é o aparecimento da concepção de Humanidade com o H maiúsculo, representando o ser humano coletivo. Esta supremacia do humano significa a chegada à supremacia da moral afastando-se da supremacia da política.

Além deste enfoque final do *Curso de filosofia* positiva sobre a Humanidade, que já estremecia as bases racionalistas e praticistas do positivismo comtiano, sabemos que desde a última lição de biologia desse mesmo *Curso de filosofia positiva*, o autor já afirmava a preponderância dos sentimentos, das tendências, das inclinações, e do "coração" na vida humana.

Na sequência, entre 1844-1846, a subjetividade ganhou força com o processo de "conversão", "ressurreição", "regeneração" sentimental sofrido por Comte por meio da experiência vivida no relacionamento dele com a Clotilde de Vaux, falecida em pouco tempo após o início do relacionamento (o relacionamento ocorreu em um período curto de dois anos). Sabe-se que Comte foi casado de 1825 a 1842 com Caroline Massin (profissional do sexo), e que antes teve uma filha com Paoline (aluna particular dele de matemática), que na época era casada, mas a filha deles morreu aos 7 anos com tifo. Tanto Caroline quanto Paoline deixaram em Comte uma visão negativa do sexo feminino. E com a vivência do sentimento amoroso, com Clotilde, Comte convenceu-se radicalmente da supremacia do sentimento. Sobre esta experiência, ele refletiu que definitivamente o sentimento é impulsionador da prática das ações, e a inteligência é o que as esclarece.

Comte escreveu a Clotilde dizendo que ela havia acentuado à sua vida as necessidades afetivas. Neste sentido, já em 27/01/1846, em Carta a Clotilde de Vaux, ele fazia esta confissão referindo-se ao papel da afetividade. Apesar desta inflexão sentimental Comte é acusado injustamente de objetivismo e crença exacerbada no papel do racionalismo. Um pouco mais tarde essa subjetividade-afetividade se tornou

também subjetividade-sujeito, e como método subjetivo se tornou um dos métodos das sete ciências fundamentais, isto é, da moral. No qual o sujeito, com sua subjetividade, depois de ter acesso ao objeto, depois de conhecer o mundo e se adaptar a ele, adapta o mundo a si, atuando como aquele que constrói e refaz a ordem.

O relacionamento com Clotilde possibilitou ainda, para Comte, a descoberta do motor interior da moral — com a assimilação da superioridade do poder do sentimento amoroso nas relações sociais ao atuar substituindo o impulso do egoísmo pelo altruísmo — corroborando para a construção e defesa da legitimidade da moral enquanto amálgama social na teoria de Comte<sup>6</sup>.

Após este período, as paixões e as inclinações são posicionadas como os principais moventes da vida. E Augusto aponta que o ser humano tem sido representado, contra a evidência, como um ser essencialmente raciocinador, e ele define o sentimento como o campo próprio da moral, o objeto da moral. Podemos ver que:

Antes a afirmação era a da necessidade de ser construída a supremacia da moral, no sentido de amálgama social, mas numa perspectiva sobretudo objetivista, legalista-objetiva, racionalista, iluminista; agora, a hiperacentuação, a hipervalorização do sentimento continuará sendo a mesma necessidade de supremacia da moral, mas da moral que será explicitamente sobretudo responsável pelo(s) sentimento(s), pela passagem do egoísmo para o altruísmo, isto é, para o amor. A nova perspectiva é a da moral-sentimental, moral-afetiva, moral-amorosa, enfim, a da perspectiva do “coração”. (TISKI, 2013b, posição 430).

A assunção do sentimentalismo se processa sem rupturas e o poder espiritual torna-se e deve ser também poder amoroso. A vida humana é sentimento e ação esclarecidos pela razão. Sentimentos pessoais individuais, egocêntricos, e sentimentos sociais, altruístas, humanitários. Os primeiros predominam; os segundos

---

<sup>6</sup> A partir de Clotilde, Tiski afirma que em Comte começa a “[...] aparecer com força a afirmação da supremacia, na vida humana, do sentimento, da subjetividade, do ponto de vista feminino e artístico, [...] identificados com a supremacia da moral. E a moral começa a encontrar o seu campo próprio, o seu objeto: o sentimento, a subjetividade, e, de certo modo, a arte. Depois incorporou como objeto também o indivíduo em geral (“*antropologia*”), e deixando à prática e aos práticos o tratamento das diferenças individuais (no sentido aristotélico: não é possível ciência do particular ou singular).” (2013a, posições 370-380, grifo do autor).



devem e deverão predominar. Ele descobre que o novo poder espiritual terá que articular também “a simpatia”. A verdadeira sociedade, regenerada, deverá fundar-se no amor. Mas a moral não ocupa ainda o papel de sétima ciência, pois está posicionada de modo ambíguo entre a biologia e sociologia. Sendo a parte mais avançada da biologia e estando mais próxima da sociologia (como fenômenos morais, parte dos fenômenos biológicos). A moral está “às vezes fazendo parte da sociologia, misturada, confusa com ela, e às vezes para além da sociologia confinando com a prática e com o concreto, como regra ou regras, mas aclamada como devendo ser suprema. Suprema mais ou menos no mesmo sentido que hoje dizemos que a democracia é o governo da(s) lei(s), da(s) regra(s).” (2013a, posição 328). Na distinção entre os dois poderes sociais (temporal e espiritual) e no reconhecimento da importância do catolicismo na evolução moral, Comte acabará por encontrar um meio transitório para o espírito positivo avançar. Este meio é a criação da religião da humanidade, aproveitando alguns aspectos do catolicismo, como os sacramentos, o culto e outros elementos. Para Comte, segundo Tiski, os dois poderes sociais, o material, ou seja, o político ou temporal e o espiritual devem se conciliar na moral. E a sabedoria do catolicismo havia estabelecido o princípio mais fundamental da vida social ao constituir a moral, acima da existência humana com a finalidade de conduzir e controlar os atos variados tanto materiais quanto espirituais (COMTE, 1975b, p. 362-363). Neste sentido, para Comte é a moral que deve ter a legítima supremacia social e não o poder temporal ou o poder espiritual, e a filosofia positiva que fez reconhecer a supremacia mental da razão comum também fará admitir igualmente a preponderância e a superioridade da moral para dominar as inspirações científicas e determinações políticas (COMTE, 1975b, p. 783).

É em 1847, que aparece pela primeira vez, a afirmação de que a humanidade é o Grande-Ser, e de que a mulher é a sua melhor imagem (na carta para Clotilde de Vaux, de 2/6/1847, In: COMTE, 1981)<sup>7</sup>. Para Comte as mulheres representam os sentimentos, e são naturalmente dispostas à sociabilidade, e constituem-se

---

<sup>7</sup> “Nada podia tocar melhor, ao mesmo tempo meu coração e meu espírito, do que essa unanimidade espontânea que, durante o encontro final [do curso apenas terminado], acolheu tão profundamente minha fórmula decisiva sobre a concentração total do positivismo na concepção, mental e social, da Humanidade, da qual a mulher constitui naturalmente a imagem familiar: *a esse único verdadeiro Grande-Ser, do qual nós somos conscientemente os membros necessários, reportar-se-ão sempre nossas contemplações para o conhecer, nossas afeições para o amar e nossas ações para o servir.*” (COMTE, 1981, p. 118, colchetes nosso, grifo do autor, tradução nossa).

naturalmente a imagem familiar da divindade. Por suas características afetivas são mais capazes e qualificadas também para transmitir os primeiros ensinamentos aos seres humanos. E também são caracterizadas por ele como exemplo de submissão e afetividade, e por isso vêm a ser também a própria personificação da Humanidade. O reconhecimento da imagem da mulher indica o movimento de inversão dos papéis na evolução social, e o feminino assume a supremacia no processo de evolução social sobre o masculino. Essa supremacia e a utopia da exclusividade de reprodução culmina na utopia da Virgem-Mãe como imagem da religião da Humanidade.

Em 1848, no *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, apareceu afirmada a religião da humanidade e Comte assume a ocorrência da transformação do poder espiritual em religioso, e do próprio positivismo em religião. Na Quarta confissão anual a Clotilde de Vaux, escrita de 31/5 a 2/06/1849 Comte assume explicitamente o positivismo como a Religião da Humanidade:

O positivismo é abertamente pregado como Religião da Humanidade. Essa caracterização final já é suficientemente acolhida para que eu deva me felicitar de ter ousado juntar dignamente o nome à coisa, a fim de instituir diretamente uma concorrência confessada em relação a todos os outros sistemas. Desde já o dogma, a moral e o culto positivistas se condensam ao mesmo tempo no irrevogável surgimento do verdadeiro Grande-Ser, centro espontâneo de nossos sentimentos, de nossos pensamentos e de nossas ações. (COMTE, 1982, p. 22, tradução nossa).

Quando a “religião” surge no *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, de 1848, Comte diz não ser senão “juntar dignamente o nome à coisa”. Contudo esta religião teria sofrido o “progresso”, era a superação do sobrenatural, uma religião *sui generis*, do ser humano, totalmente natural. É neste discurso que aparece afirmada pela primeira vez a sua religião. Mas já em 1817, Comte afirmava que as instituições religiosas deviam ser mantidas porque eram instituições morais, e agora, isto é, em 1848, a nova moral pedia uma nova religião.

Neste caso a necessidade é de uma síntese ainda maior, que chegasse à prática, uma síntese entre a teoria e prática, praticização e institucionalização da teoria. E é pela religião que a nova filosofia e a nova moral poderão chegar ao senso comum, à maioria.

Pelo lado teórico a moral se tornou em 1850/1851 a ciência suprema; e pelo

prático a supremacia da moral do sentimento, se estendeu no sentido da supremacia da religião e cujo núcleo é a moral. Entretanto a religião Positiva é uma religião sem deus sobrenatural. É a religião da humanidade, do humano, totalmente natural. E esta é a explicitação mais contundente do humanismo, o humano é Deus, isto é, a humanidade é a “Deusa”. O poder espiritual/teórico, intelectual e moral, “amoroso”, é também “religioso”. A humanidade é o conjunto dos seres passados, presentes e futuros que cooperam em benefício da humanidade. Não é o conjunto de todos os seres humanos, mas é o conjunto dos seres que trabalham em prol de uma existência em comum<sup>8</sup>. E a Humanidade é composta por três formas de associação: a família, a cidade e a Igreja. A primeira é a base para as outras duas formas de associação, tem como fundamento o amor e é uma sociedade íntima e restrita. A segunda existe a partir da cooperação mútua entre famílias. A última, a Igreja liga os seres humanos e pode comportar a verdadeira universalidade. Deste modo toda a humanidade é a nova Deusa e toda a teorização a seu respeito, a conduta/o comportamento compatível com ela, a sua divulgação, exigem a instituição, a institucionalização, em termos de religião.

*O Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade* coroou a supremacia da moral, do sentimento, da subjetividade, do artístico, do feminino com a supremacia do culto e da religião. A religião em Comte, a partir de 1848, começou a ser explicitada como unidade individual, com a sociedade e com a natureza. Para ele o fetichismo, mostra-se sempre como religião espontânea; o politeísmo, como religião inspirada; o monoteísmo, como religião revelada e o positivismo / religião da humanidade, religião demonstrada (demonstrável).

Assim, o poder espiritual que tinha em vista a reorganização prática, isto é, sócio-político-econômica, inclui agora, continuando o âmbito moral-artístico, a complementação religiosa. E a moral avança no sentido de ser religião. Vale mencionar que Augusto Comte modificou as concepções a respeito da “religião” ao

---

<sup>8</sup> A Humanidade não se reduz aos seres humanos enquanto espécie, pois a teoria considera como humanidade os animais ou seres que possam cooperar na existência comum, ou seja do Grande-Ser. Mas a teoria exclui aqueles seres que não atuam para esta finalidade. “Embora sejam todos filhos da Humanidade, nem todos se tornaram agentes, seus servidores; um grande número ficou sempre composto de parasitas inúteis, ou de refractários nocivos: são os ociosos, vergonha e fardo de nossa espécie, ou os criminosos habituais, que estão sempre inclinados a perturbar-a realmente não fazem parte dela. Ao contrario, é preciso juntar ahi as espécies de animaes sociáveis que lhe prestam tão poderosos auxílios, e serviços voluntarios indispensaveis ao homem.” [sic!] (ROBINET, 18--, p. 140).

longo de sua obra, mas especificamente entre o *Curso de filosofia positiva* e o *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade*. Inicialmente Comte adota “religião” como sinônimo de teologia, mas posteriormente passa a distinguir religião de teologia. Para Lacerda Comte considera que “a religião é um estado de unidade e harmonia moral e social, do indivíduo e dos grupos humanos e de que a teologia é apenas uma das modalidades possíveis (e histórica e logicamente transitória). Assim, na fase final de Comte, há a afirmação da religião, mas agora humana e humanista: daí o nome de “Religião da Humanidade.” (LACERDA G., 2009, p. 21).

A religião trata da exigência de generalização, de síntese, de unidade. E do mesmo modo como os poderes espirituais sempre foram sacerdotais, o mesmo aconteceu com o positivismo, o poder espiritual foi sendo pouco a pouco, e cada vez mais religião; até que o Comte o reconhecesse, sentindo não haver sequer a necessidade de se explicar esta passagem. Mas o “progresso”, o “avanço” evolutivo havia sido feito: pois se tratava de uma religião modificada no essencial em relação às anteriores, de uma religião *sui generis* (especial, única), sem Deus sobrenatural, mas religião porque retorna a um teísmo<sup>9</sup>.

Esta religião da humanidade, do ser humano, totalmente natural, tratava da substituição do teocentrismo pelo antropocentrismo<sup>10</sup>. Era um novo passo do poder espiritual, “terrestre e positivo”, “científico”, “moral”, “sentimental” / “amoroso”, assumindo-se como religioso. Por outro lado a religião da humanidade é um retorno à uma teologia. É um retorno porque o humano vem a ser o divino, assim também pode notar-se uma teolatria, em que a sociologia substitui a teologia e a ‘humanolatria’ (‘humanidadelatria’) a teolatria, enquanto o humanismo substitui o teísmo. Para Comte a humanidade é “o conjunto contínuo dos seres convergentes”. (COMTE apud TISKI,

---

<sup>9</sup> Professor Gustavo Lacerda discorda desta interpretação que afirma ser a religião da humanidade um retorno ao teísmo. Para Lacerda esta interpretação está relacionada a associação do uso do termo religião como sinônimo de teologia, e não é coerente com a oposição fundamental entre o absolutismo e o relativismo, desenvolvida na fase religiosa. Lacerda diz “[...] como o próprio Tiski esclarece, a teologia (assim como a metafísica) pressupõe o absolutismo filosófico e a pesquisa das causas, enquanto a positividade requer o relativismo e a busca das regularidades, cada qual com profundas implicações sociais (guerra versus pacifismo, confusão entre Igreja e Estado versus separação entre Igreja e Estado, escravidão versus trabalho livre etc).” (LACERDA, G., 2009, p. 22).

<sup>10</sup> Não no sentido renascentista, mas no sentido de ser de teocentrismo religioso para um antropocentrismo religioso, no sentido de substituição de um deus sobrenatural por um deus não sobrenatural, a humanidade.

2013a, posições 438-448).

A religião foi explicitada como unidade individual, com a sociedade e com a natureza. E é o instrumento para galopar desta situação ao estado positivo, ou seja, ir mais rápido dos dois estados para o estado positivo, da sistematização sobrenatural para a terrestre.

A moral então é apresentada como a última ciência, e ata a religião à ciência e ao progresso do desenvolvimento social. Para Tiski, conforme a citação abaixo, a moral é o padrão que liga o trabalho de Comte e permite a continuidade, mas o surgimento da moral como sétima ciência alonga a classificação, por isto é também uma descontinuidade:

A moral é o ponto da descontinuidade e da continuidade em Comte. Da descontinuidade porque não era ciência separada e se tornou a 7ª ciência, que inexistia, tornou-se a ciência suprema, “trouxe” para o universo abstrato a própria prática e até setores do concreto na medida em que, na sua parte prática, identifica-se com a educação (moral prática ou educação). E da continuidade porque através dela Comte ligou com maestria todos os fios da sua fase até 1844-1846 com os fios da sua fase posterior. (TISKI, 2013a, posição 350).

Finalmente, a partir do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituinto a religião da humanidade*, volume II, capítulo primeiro, escrito de 12/1850 a 01/1851, as ciências passam a ser sete: a moral passou a ser o sétimo núcleo de fenômenos (fenômenos humanos), sétima ciência, sétimo método, e, como tal, passou a ser a ciência e o método supremos, finais. Ainda nesse mesmo capítulo primeiro a moral foi dividida explicitamente, pela primeira vez, em teórica e prática. E no *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituinto a religião da humanidade*, volume IV, de 1854, a moral prática foi identificada com a educação.

Deste segundo período Comte deixa as seguintes obras: *Calendário positivista* (início de confecção: 5/4/1849); 4 volumes do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituinto a religião da humanidade* [Volume I, publicado em 1851, mas com textos também de 1845 (Carta filosófica sobre a comemoração social, para a Sra. Clotilde de Vaux), 1846 (Dedicatória do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituinto a religião da humanidade*), 1848 (*Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*) e 1849-1850 (Introdução fundamental, ao mesmo científica e

lógica, e Complemento da Dedicatória); vol. II, publicado em 1852, mas com textos também de 1850-1851 (Capítulo 1º Teoria geral da religião ou Teoria positiva da unidade humana); vol. III publicado em 1853; e vol. IV, publicado em 1854]; *Catecismo positivista ou Sumária exposição da religião universal em onze conferências sistemáticas entre uma mulher e um padre da humanidade* (1852); *Apelo aos conservadores* (1855); *Testamento de Augusto Comte* (1855-1857); *Síntese subjetiva ou Sistema universal das concepções próprias ao estado normal da humanidade – Vol. 1: Sistema de lógica positiva ou tratado de filosofia matemática* (1856). [A síntese completa constaria de 10 volumes, dos quais Comte escreveria mais 4: os Tratados de moral teórica ou moral propriamente dita, moral prática ou educação, ação e filosofia 1ª (retorno de uma metafísica, como marco teórico-metodológico). Os outros cinco deveriam ser escritos por seus sucessores: astronomia, física, química, biologia e sociologia].

Partindo então do pressuposto que a moral sempre esteve presente no pensamento do Comte e retomando o tema central da dissertação, considerando que o desenvolvimento da moral em Comte depende do entendimento da natureza humana e a moral não se encaixa mais nos grupos de fenômenos das outras ciências, conforme a hierarquia proposta para o sistema de filosofia positiva, em que sentido o conceito de moral comtiano irá afastar-se do uso em sentido recorrente da expressão “moral” presente na história da filosofia<sup>11</sup>?

Podemos notar que ao longo da tradição filosófica muitos trabalhos buscaram tratar das **relações entre a moral** e outras áreas<sup>12</sup>. Entre estes trabalhos alguns tentam delimitar qual é a natureza da moral, quais as possibilidades de fundamentação para a moral e qual é a definição conceitual de moral para um autor ou um sistema teórico.

Ao mesmo tempo que estes trabalhos buscam resgatar a etimologia dos termos e remover os equívocos linguísticos, ou ainda buscar entender as relações partindo

---

<sup>11</sup> Já carregada com vícios próprios de conceito e muitas posições ambíguas quanto ao que é a natureza própria da moral.

<sup>12</sup> “Em sociedades primitivas religião, moral, lei, costumes, maneiras, existiam como inteiramente indiferenciados. A ligação entre eles era muito obscura e mal definida. Seus territórios só distinguiram-se gradualmente. Para gerações não apenas éticas mantinham uma base teológica, mas jurisprudência, que foi uma parte da teologia por dois séculos antes da Reforma.” (HAZLITT, 2012, p. 62, tradução nossa).

de perguntas que tentam circunscrever a moral<sup>13</sup>. Podemos notar que a maioria destas abordagens também são antropocêntricas, considerando a moral como um aspecto do ser humano<sup>14</sup>.

Um dos temas recorrentes entre estes debates é a distinção entre moral e ética. Embora sejam termos diferentes muitas vezes, principalmente para a filosofia clássica, **moral e ética aparecem como sinônimos**. Esforços no sentido de explicar a distinção entre ambos podem partir da origem etimológica do termo. Ou da associação de ética com o estudo dos valores, como se fosse seu objeto a moral, a moral seria o conteúdo da ética. Por outro lado, estudos modernos indicam que a moral discute valores, e lida com conteúdo e costumes, enquanto que a ética se posiciona objetivamente sem lidar com estes aspectos, buscando analisar os fundamentos destes costumes. Autores como Karl-Otto Apel propõe uma distinção a partir da concepção da possibilidade de aplicabilidade universal também de ética e moral.

Uma outra maneira que percebemos de uso do termo moral, é a **moral aplicada como uma propriedade** ou medida para qualificar uma ação. O termo moral assume função predicativa, ou adjetiva. Assim em um sistema que tem como princípio a ideia de bem ou mal, ser moral é agir bem neste sistema. Ou em um sistema utilitarista que tem como princípio o máximo de benefício para a coletividade, o agir moral é atingido por aquele que conseguir o maior benefício em termos de escala e extensão (RABUSKE, 1932). Nesse uso do termo a moral é aplicada como uma propriedade se o agente atuar de acordo com as regras. Ou seja, é um sujeito moral ou que agiu moralmente aquele que está de acordo com as regras<sup>15</sup>.

Neste sentido, em relação a esse panorama introdutório neste capítulo qual é

---

<sup>13</sup> Perguntas tais quais: — Qual a ligação entre moral e religião? A religião difere da moral porque adota princípios que não fundamentam-se em aspectos racionais e sim na crença, ou fé? A moral abrange aspectos mais gerais em uma sociedade permitindo interação entre grupos de diferentes religiões ou crenças? Ou qual a relação entre direito e moral? A moral equivale a costumes padronizados e o direito é a formalização destes costumes padronizados? Ou a ordem jurídica é um método de coerção para instaurar um padrão de comportamento como válido? A moral é o aprimoramento das virtudes próprias do indivíduo na educação? A educação envolve o conhecimento enciclopédico, o treinamento técnico enquanto que a educação moral trata da formação de valores no sujeito?

<sup>14</sup> Pesquisadores, como Frans the Waal escritor de *Eu, Primata*, estudam a possibilidade de existência de relações morais em mamíferos, enquanto outros pesquisadores também têm pesquisado estas relações em plantas e outras espécies. O conceito de moral vem ampliando-se no último século para além das abordagens antropocêntricas (WALL, 2007).

<sup>15</sup> Podemos ver às vezes a ética aplicada como uma propriedade também.

a singularidade do conceito de moral em Comte? Primeiramente no que diz respeito à moral enquanto sinônimo de ética. Tiski após uma análise rigorosa dos textos de Comte contabiliza:

Augusto Comte só usou duas vezes o termo “ética”, e como acrósticos para dois parágrafos da *Síntese Subjetiva I*: uma na Introdução (o 27º parágrafo do fim para o começo, p. 68) e outra na Conclusão (o 39º parágrafo do fim para o começo, p. 748). [...]

Quanto ao emprego do termo “moral”, contamos 5.090 usos, cerca de uma vez a cada duas páginas escritas. Nesta soma contabilizamos o substantivo “moral” e todos os seus derivados, mas sem contar sinônimos ou quando estão substituídos por pronomes. [...].

Ele nunca se preocupou em assinalar diferenças entre moral e ética, ou entre moral e filosofia moral, ou entre moral e ciência moral. Ou ainda entre as expressões respectivas, apesar de que diferencia entre moral espontânea e moral sistemática. O próprio livro *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, é chamado por Augusto Comte de *Moral a Nicômaco*. [...]. Desde 1817 ele já escreve as expressões “ciências morais e políticas”, “moral terrestre e positiva” e “ciência moral positiva”. Veremos no capítulo I os usos comtianos do termo moral. (TISKI, 2013c, posições 114-125).

Sabendo, portanto, que não há distinção entre a moral e a ética, sendo a expressão “moral” predominante em seus escritos, podemos rastrear este uso do termo moral no pensamento de Comte a partir de outubro de 1816, em Carta a Valat, através do uso do derivado “moralmente” (TISKI, 2013c, posição 159).

Podemos destacar três acepções existentes para a moral ao longo do trabalho de Comte. A primeira acepção é referida como um **fato natural no indivíduo**; a segunda como **algo exterior ao indivíduo** e na terceira acepção como **relação e condição de organização**.

A primeira acepção como **fato natural**, é como algo interior do ou no sujeito — “determinado e determinado a poder livremente optar pelo altruísmo, objeto da biologia e da sociologia, é identificada com o instinto moral” (TISKI, 2013c, posição 159), ou seja, com a condição biológica. A moral é reconhecida como algo próprio e interno no sujeito, e enquanto fato natural essa moral focaliza nos fenômenos morais do ser humano: sentimentos, pensamentos, vontades.

A segunda acepção surge como **algo exterior ao indivíduo**, pode ser identificada nos costumes padronizados — *sistema das ideias morais*, materialmente



expressos e representados historicamente, tais como: a moral cristã, a moral grega, a moral terrestre e positiva, etc. Em Comte a moral positiva enquanto costumes sociais, trata-se do esforço individual e coletivo em prol do altruísmo. A existência desta segunda acepção pode ser independente da existência particular em certo indivíduo, ou seja, difere da primeira acepção quando pode existir para um grupo e outro grupo não.

E a terceira acepção de moral aparece como **relação e condição de organização**, trata-se da conciliação entre a 1ª e a 2ª acepções, representando a unidade individual e coletiva, como o exterior interiorizado conscientemente que harmoniza o sujeito e o reúne com os outros. A terceira acepção é o amálgama social, conciliadora da moral interior com a exterior e da individual com a coletiva.

Tiski aponta que estas três acepções para a moral não são demarcações rígidas, mas que estas acepções têm poder de influência para transformar e também fundar-se uma na outra:

Estas duas acepções, a saber, a moral como instinto moral, e a moral como princípios, regras, costumes padronizados espontaneamente (com as diversas expressões caracterizadoras destas *padronizações*: “grega e romana”, “cristã”, “industrial”, ...), já caracterizam bastante a moral. Por um lado o costume individual, e, por outro, o costume repetido pelos outros, padronizado, de tal modo a poder chegar a ser pensado e ensinado como ideal. E se transformar em ligação entre as partes (3ª acepção, conforme aparecerá a seguir).

Portanto, a própria acepção 2 se funda na acepção um, mas o mais nobre da acepção um, isto é, o intelectual (a sabedoria) e o afetivo (o altruísmo ou sociabilidade) só se desenvolvem pela influência da acepção dois, isto é, do desenvolvimento social, que funciona como regra exterior ao sujeito e como amálgama, surgindo, portanto, a acepção três. Os indivíduos são sujeitos ou agentes, mas o coletivo é, de certo modo, o grande sujeito. (TISKI, 2013c, posição 461, grifo do autor).

Se notarmos a primeira acepção é o afetivo, o intelectual e a vontade. Assim a primeira acepção de moral, como um fato natural no ser humano não só será o indicativo de que o conhecimento da natureza humana poderia fornecer as bases para a moral, mas também será mais um dos aspectos singulares da moral, no trabalho de Comte, pois a fundamentação da moral se afasta de um fundamento sobrenatural.

Assim enquanto autores como Santo Agostinho, por exemplo, tentaram

justificar ou reconhecer a possibilidade de um agir moral “bom” a partir da verossimilhança do ser humano com Deus, o seu criador, e ser bom, a teoria de Comte apela para a fundamentação desta moral longe desta sobrenaturalidade, e Comte indica que essa resposta está na fisiologia enquanto parte da natureza do ser humano.

De certo modo para fundamentar a pré-disposição inata ao altruísmo Comte sustentou a ideia de que o aprofundamento do estudo da natureza do ser humano, que poderia oferecer essa fundamentação, poderia vir da sistematização completa da teoria do cérebro, conforme na citação a seguir podemos ver esta ideia:

Tal trabalho [o capítulo 4, sobre o corpo, do prometido tratado de moral] deve principalmente consistir em completar e sistematizar minha teoria subjetiva do cérebro, a partir das bases lógicas e científicas estabelecidas no tomo primeiro do tratado que termino. Para isto, deve primeiramente considerar as funções exteriores do aparelho central, sobretudo seu ofício sensitivo, em relação ao qual minhas indicações iniciais deixaram muitas incertezas. É preciso, como já fiz quanto aos órgãos da alma, determinar, pelo método subjetivo, o número e a posição dos gânglios cerebrais que presidem as relações passivas do ser com o meio. Esta pesquisa exige a enumeração prévia dos sentidos propriamente ditos. (COMTE, 1895, p. 234-235, colchetes nosso, tradução nossa).

E a natureza destes fenômenos humanos, em que o ser humano ser-vivo social é mais complexo do que o ser humano ser-vivo, da primeira acepção de moral, esboçada na teoria do cérebro, que resume a pré-disposição inata à moral como fato natural nos indivíduos, pede uma outra classe para tratamento dos fenômenos humanos, com relação aos demais grupos de fenômenos, pela relação de dependência destes fenômenos.

Essa distinção do grupo de fenômenos humanos dos outros fenômenos destaca um outro ponto singular em Comte referente à moral, conforme apresentamos no início deste capítulo, com relação aos usos citados para a moral, neste caso estes fenômenos não só permitem a elevação da moral à ciência, mas enquanto ciência que faz parte do sistema de filosofia positiva a relação de dependência dos fenômenos humanos posicionará a moral também como a sétima ciência no sistema de filosofia positiva.

E a segunda acepção, a própria moral positiva, ou o sistema de moral positiva irá distinguir-se da moral cristã, ou da moral grega, por exemplo, não apenas pelo

fundamento natural da primeira acepção, — que pauta-se na disposição inata humana e não em deuses exteriores, mas também por ser uma moral, — que enquanto constitui-se um costume individual e ao mesmo tempo costume repetido por outros e pode ser pensada e ensinada como um ideal que só a nova filosofia poderia estabelecer, esta moral positiva definirá os deveres dos seres humanos e as suas convicções profundas e ativas de acordo com a teoria positiva da Humanidade. (COMTE, 1978a, p. 83-84).

Portanto a moral positiva superaria o sistema decaído e perturbador oferecido pelas fundamentações sobrenaturalistas e sustentaria com energia o choque das paixões, sem a necessidade da presença da graça divina, mas enquanto algo exterior aos sujeitos a segunda acepção comporta a possibilidade de que o aprendizado transforme-se então em conexão entre as partes, que seria a 3ª acepção — a única ligação que poderia unir os homens em sociedade, e ao ser aperfeiçoada no estado social, a moral, não seria senão o aperfeiçoamento do sistema de moral positiva<sup>16</sup>.

E apesar da moral positiva precisar superar o sistema sobrenatural, Comte não ignora o papel destas morais ao longo da história, e afirma que o cristianismo havia estendido à espécie humana os sentimentos de benevolência prescritos pela antiga moral e reduzido estes à unidade por meio do princípio da fraternidade universal e do dogma de um só Deus. O fato é que a moral das repúblicas gregas seria bastante imperfeita porque conciliava apenas povoações e por isso substituir as ideias sobrenaturais por uma só crença e destruir o politeísmo, como o fez o cristianismo, era o equivalente a evoluir socialmente por possibilitar reunir os povos em uma família comum de crentes em um único Deus.

Se nesse sentido o avanço capital necessário seria passar da moral celeste à moral terrestre, pois não se poderia mais dar à moral outros motivos que não os interesses palpáveis, certos e presentes, identificando um preceito único, que

---

<sup>16</sup> Para a moral positiva, especificamente, o aperfeiçoamento da natureza humana é equivalente à moral prática, enquanto o conhecimento da natureza humana seria o equivalente à moral teórica. Essa divisão explícita da moral positiva ocorrerá, conforme comentamos anteriormente, no capítulo primeiro do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade II*, e em 1854 a moral prática será identificada com a educação, no *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade IV*. Assim para a moral positiva atender a destinação da ciência, conforme Comte pensou, a destinação da moral é conhecer as leis dos fenômenos, mas para a moral positiva atender a filosofia natural esta teria que ter como objeto os dados da natureza e não as criações arbitrárias da mente.

dispensasse a imagem de um Deus que coagia, penalizava ou transmitia os seus mandamentos, Comte indicará que o propulsor humano interno para o agir é o “amor”, que permite o altruísmo e que atua nas relações sociais como o elemento essencial que as sustenta.

Então na segunda acepção a sociedade atua modelando o egoísmo para evoluir em direção ao altruísmo, equilibrando a tendência ao egoísmo por meio do social. Deste modo, a moral enquanto regra e possibilidade de sociedade estará vinculada ao imperativo *viver para outrem*, também incluso no quadro cerebral.

Assim enquanto a parte mais interessante desta fase seria a revalorização da religião, do teísmo, a partir do reconhecimento do aspecto sócio-político civilizador, ou seja, moralizador do sobrenaturalismo ao longo da história por parte de Comte, a transição para a moral positiva irá não só pedir uma tomada gradual do lugar destas crenças teológicas para a concretização da transição destas instituições religiosas e morais, como irá indicar que os sacerdócios deveriam ser remodelados, e não extintos radicalmente, para que fossem tornando-se cultivadores e transmissores da moral industrial, positiva e científica, o que nos leva finalmente à religião da Humanidade, considerada por Comte o ponto mais avançado do seu trabalho<sup>17</sup>.

Retomando então a segunda acepção: a moral enquanto regra externa ao indivíduo atuará na busca pela predominância dos sentimentos altruístas sobre os egoístas, só possível em primeiro lugar pela disposição inata, mas em segundo lugar também pela influência exterior ser a única suficientemente contínua e comum para reagir profundamente sobre os nossos impulsos egoístas (COMTE, 2005, p. 22-23),

---

<sup>17</sup> Enquanto a definição do que é moral pode divergir bastante de um sistema para o outro, no sentido até de definir o que é um ato moral, o aspecto moralizador da religião e mesmo da educação pode ser reconhecido como fundamental ao longo da história civilizatória da humanidade. E embora muitas religiões sejam distintas as religiões tendem em geral à busca por uma ordem social harmônica. No positivismo comtiano o aspecto moralizador da religião e da educação é fundamental não só historicamente, como para a transição do sobrenaturalismo para o positivismo religioso.

Deste modo a revalorização do aspecto moralizador da religião e da educação pode ser reconhecido no positivismo comtiano, em primeiro lugar por esse reconhecimento histórico por parte do Comte do papel do cristianismo e da necessidade de utilizar-se da religião da Humanidade para a transição ao positivismo e, em segundo lugar, pela educação não se tratar de uma abordagem técnica apenas do conhecimento, mas da educação se tratar de ser, na concepção de moral prática, a possibilidade de aperfeiçoamento da natureza humana.

Assim a religião e educação ocupam um papel central enquanto moralizadoras no positivismo comtiano, pois ambas tratam da própria formação humana, não só do caráter, mas da própria busca pelo desenvolvimento do altruísmo consolidado das práticas de convívio social.

sendo então essencial o papel que o social estabelece no desenvolvimento do altruísmo, que contará ainda com a religião da Humanidade para a concretização da moral positiva na prática.

Assim a sociedade deve desenvolver a simpatia, enquanto finalidade própria da moral e a moral positiva acaba correlacionando-se com uma educação do coração na Terceira confissão anual para Clotilde de Vaux, 25/6/1848 (COMTE, 1981, p. 164). Ao mesmo tempo a simpatia é também acrescida na lista das acepções do positivo, que seriam características da mentalidade positiva em contraposição ao antigo regime<sup>18</sup>. Pois até a divisão da moral em teórica e prática a lista das acepções para o termo positivo era composta por seis acepções: real x quimérico; útil x ocioso; certo x duvidoso/indeciso; preciso x vago; construtivo/orgânico x destrutivo/crítico; relativo x absoluto, sendo adicionado então como sétima acepção para o positivo o simpático x egoísta no *Discurso preliminar sobre o conjunto de positivismo* (COMTE, 1895).

E o desenvolvimento da simpatia é nada mais que o desenvolvimento da terceira acepção que liga as partes, e permite a união entre os seres, e enquanto conciliadora dos indivíduos com o coletivo e amálgama social, trará como novidade a moral positiva como o núcleo da religião positiva, da religião da Humanidade.

Deste modo, nota-se que de 1817 a 1848 a moral substitui a religião e desde este último ano a religião, definida como unidade, síntese (amálgama, amalgamador), reenquadra a moral. E como a educação fornecia, de certo modo, o *loca* para a moral, suprimindo a falta do *templo*, e a moral vai voltando a ser ciência distinta, a partir de 12/1850 a 01/1851, a moral precisava de um “tratado” e em 1854 a educação é identificada com a parte prática da moral, de maneira que assim se justificava o tratado

---

<sup>18</sup> “Quando introduzi o título de positivista, um público empírico e cético o julgou não menos contraditório do que estranho. Eu o fiz crescer tanto, em trinta anos, que ele já é buscado tanto como símbolo de ordem quanto de progresso, por muitos daqueles que não cumprem as suas principais condições. Entre as sete acepções que ele combina, a última, que eu não podia sentir assaz sem você, permanece a menos apreciada, embora seja a mais decisiva, pois que concerne diretamente à única fonte da verdadeira unidade. Aqueles que reconhecem bem a conexão necessária das seis características próprias do espírito positivo, ao mesmo tempo real, útil, certo, preciso, orgânico, e mesmo relativo, não cumpriram suficientemente sua regeneração para poder ligar os títulos intelectuais à qualificação moral. Mas, embora eu seja ainda o único para quem *positivo* tenha se tornado também, graças a você, o equivalente de *simpático*, não tenho dúvidas de que todos os meus verdadeiros discípulos me seguirão logo até esse ponto, sob a irresistível impulsão da síntese que acabo de terminar [o *Sistema*]. Então o conjunto da revolução ocidental se encontrará familiarmente resumido pela plena regeneração de um termo fundamental, que doravante caracterizará a melhor moralidade, sem perder as vantagens próprias da sua materialidade primitiva.” (COMTE, 1895, p. 547, colchetes nosso, tradução nossa).

de moral a partir do tratado sobre a educação. Para tanto a moral foi então repartida em teórica e prática. Por fim a sutileza deste desdobramento cose a moral, a religião e a educação, sendo que a religião passa a ser o instrumento para disseminação e prática das ideias morais que serão exercidas neste processo educativo. E a moral teórica se divide em conformidade com a divisão dos poderes e passa a assumir as particularidades.

Por fim, a moral tendo seu objeto, suas três acepções, a divisão entre moral teórica e prática, seu papel enquanto núcleo da religião, e, enfim, sendo a genealogia esboçada, a moral está caracterizada então como ciência, e na teoria positivista recebe o seu espaço na classificação das ciências, assumindo o topo da hierarquia do modelo proposto por Comte e surge então com m maiúsculo, como a 7ª ciência e a moral restará o diadema, de além de sétima ciência, será o método supremo e final.

## **CAPÍTULO II – A SÉTIMA CIÊNCIA POSITIVA**

*O sábio tudo realiza – e nada considera seu.  
Tudo faz – e não se apega à sua obra.  
Não se prende aos frutos da sua atividade.  
Termina a sua obra.  
E está sempre no princípio.  
E por isto a sua obra prospera.*

Lao-Tsé



O posicionamento da moral como sétima ciência e a proposta de ser a última ciência abstrata da *Síntese subjetiva* gera uma série de implicações, inclusive mais esclarecedoras do próprio conceito de moral para o Comte. “Embora este novo degrau diferisse muito menos do precedente que em qualquer outro caso, entretanto ele lhe sucederia como por toda parte, aliás, como o mais particular e o mais dependente de todos [...]”. (COMTE, 1907, p. 54, tradução nossa; COMTE, 2005, p. 50).

Além do degrau de sétima ciência positiva, que conforma com o conceito de positivo, a moral irá conformar com o conceito de ciência comtiano. Sobre a ciência Comte assume a crença de que o estudo da natureza venha a fornecer a verdadeira base racional da ação humana, que permitiria também a possibilidade de previsão sobre os fenômenos, que é uma característica do fenomenalismo. Também diz que ela possui na sua destinação mais elevada a necessidade de conhecer as leis próprias dos fenômenos.

Assim as ciências positivas dividiam os conhecimentos sobre a natureza e o dos procedimentos daí deduzidos para modificar a natureza em nosso proveito em dois sistemas essencialmente distintos, entre teórico e prático<sup>19</sup>. Ainda para Comte todos os trabalhos humanos são especulações ou ações. Assim a divisão mais geral de nossos conhecimentos reais consiste em distingui-los em teóricos e práticos, sendo que os conhecimentos práticos servem para esclarecer os teóricos.

Os conhecimentos teóricos, ditos propriamente como ciência, poderiam ainda ser distintos em dois gêneros de ciências naturais (gerais e particulares) em relação a todas as ordens de fenômenos:

[...] umas, abstratas, gerais, tendo por objeto a descoberta de leis que regem as diversas classes de fenômenos e que consideram todos os casos possíveis de conceber; outras, concretas, particulares,

---

<sup>19</sup> “Sem dúvida, ao tomar o conjunto completo de toda sorte dos trabalhos da espécie humana, deve-se conceber o estudo da natureza, destinando-se a fornecer a verdadeira base racional da ação do homem sobre ela. O conhecimento das leis dos fenômenos, cujo resultado constante é fazer com que sejam previstos por nós, evidentemente pode nos conduzir, de modo exclusivo, na vida ativa, a modificar um fenômeno por outro, tudo isso em nosso proveito. Nossos meios naturais e diretos para agir sobre os corpos que nos rodeiam são extremamente fracos e inteiramente desproporcionados às nossas necessidades [...]. Em resumo, ciência, daí previdência; previdência, daí ação: tal é a fórmula muito simples que exprime, duma maneira exata, a relação geral da ciência e da arte, tomando essas duas expressões em sua acepção total. [...] não devemos esquecer que as ciências possuem, antes de tudo, destinação mais direta e mais elevada, a saber, a de satisfazer à necessidade fundamental, sentida por nossa inteligência, de conhecer as leis dos fenômenos.” (COMTE, 1975a, p. 47-49).

descritivas, designadas algumas vezes sob o nome de ciências naturais propriamente ditas, e que consistem na aplicação dessas leis à história efetiva dos diferentes seres existentes. As primeiras são, pois, fundamentais, sendo a elas que neste curso nossos estudos se limitarão. As outras, seja qual for sua importância, são de fato apenas secundárias e não devem, por conseguinte, fazer parte dum trabalho cuja extensão extrema nos obriga a reduzir ao mínimo seu desenvolvimento possível. (COMTE, 1975a, p. 52).

Esta ordem dos fenômenos, critério para o trabalho enciclopédico de classificação das ciências, tendo como princípio o encadeamento lógico natural das ciências considera como regra que os fenômenos poderiam ser divididos “[...] em duas grandes classes principais: a primeira compreendendo todos os fenômenos dos corpos brutos, a segunda todos aqueles dos corpos organizados.”<sup>20</sup> (COMTE, 1975a, p. 65).

Inicialmente a teoria classifica a filosofia positiva em seis ciências, e pela subordinação conclui-se esta ordem: a matemática, a astronomia, a física, a química, a fisiologia e, enfim, a física social. Até a proposta de uma moral científica como sétima ciência fundamental, suprema, completando assim a confecção da sua classificação das ciências fundamentais em sete.

Para o Comte a moral tem leis como as ciências anteriores e isso lhe dá a almejada e necessária universalidade, a almejada possibilidade de consenso moral. As leis estão na própria constituição biológica do ser humano: ele nasce com o egocentrismo e com o sociocentrismo, que é desenvolvível. Esses sentimentos são assessorados pela inteligência em vista do caráter, isto é, em vista da ação.

E o grau de dependência dos fenômenos morais estará relacionado diretamente com a noção de humanidade. Porque a humanidade individual, isto é, a “natureza humana” estaria sob influência de fatores limitadores para a interação, e além de estar dominada pela ordem dos fenômenos matemáticos-astronômicos, físico-químicos e vitais, estaria sob um último jugo resultado do conjunto das leis da ordem social; mesmo mais modificáveis que os fenômenos das ordens anteriores, os fenômenos da ordem moral ainda estariam sob o regramento das leis dinâmicas e estáticas das ordens anteriores, e esta moral enquanto ciência seria “a ciência do homem individual”, que examina a natureza humana (TISKI, 2013a, posição 351, nota

---

<sup>20</sup> Os fenômenos considerados mais simples são aqueles que menos se complicam com os outros, mas são os fenômenos também necessariamente mais gerais e os mais estranhos aos seres humanos.

5). Mas apesar da influência destas ordens, estas fatalidades exteriores só afetariam a humanidade na medida em que afetam os indivíduos. Deste modo o entendimento do conceito de moral exige o entendimento do significado do papel do indivíduo enquanto parte da humanidade. Uma distinção chave indica que Comte observava os indivíduos como órgãos da humanidade, do Grande-Ser (TISKI, 2013c, posição 1698).

Mas não são os indivíduos a base da sociedade, o *indivíduo conta socialmente enquanto membro da família*, célula básica da sociedade, enquanto está integrado em um grupo social mais amplo. Para Giacóia “não cabe papel nenhum ao indivíduo no pensamento sociológico de Augusto Comte”, pois privilegia-se a família em relação ao indivíduo, a sociedade em relação à família e por última a humanidade em relação às outras diversas formas de sociedade (1983, p. 47-50). Esse papel do indivíduo será retomado no pensamento moral comtiano.

A humanidade então não é neste sistema a simples unidade de quaisquer partes, a identidade dos elementos enquanto indivíduos está em sincronia com a identidade da humanidade enquanto equivalente à completude das partes unidas. Esta visão sistemática das propriedades das relações entre indivíduos e humanidade aponta para a relevância de buscar o aperfeiçoamento não apenas individualmente, mas coletivamente também. Augusto propõe a busca da harmonia entre o individual, e o coletivo na citação seguinte, da carta de Comte a Clotilde de Vaux datada de 27/01/1846:

Nossos maiores progressos consistem em aperfeiçoar a unidade da nossa natureza, individual e coletiva, estabelecendo uma mais completa harmonia entre todas as suas tendências ou impulsões quaisquer, tão diversas e mesmo tão opostas. Ora, este aperfeiçoamento deve resultar, sobretudo, de uma mais inteira preponderância pessoal do sentimento que é o que melhor tende à união geral. (COMTE, 1977, p. 305, tradução nossa).

Portanto a moral teórica enquanto ciência do indivíduo, apresentaria no capítulo primeiro do volume um do tratado de moral, a “teoria positiva da natureza humana”, consistindo na exposição da “concepção subjetiva da harmonia cerebral”, condensada no *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma*, e o segundo capítulo abordaria o coletivo, a humanidade. Sendo a humanidade a condição que possibilita o desenvolvimento da inteligência e da atividade, que

mutuamente proporcionam o desenvolvimento do sentimento. E o terceiro capítulo trataria da religião, que poderia unificar o indivíduo e o coletivo, ligando por meio do amor a ordem natural do indivíduo e a ordem social do coletivo.

Estes três capítulos iniciais do tratado seriam a base da moral teórica positiva. Enquanto os quatro últimos seriam a moral teórica em si. O capítulo quatro trataria do corpo humano, sendo o corpo que comporta o cérebro ou a alma com três partes: coração, espírito e carácter. A caracterização completa dos capítulos deste tratado está no *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade IV*, de 1854 e teria uma introdução religiosa e sete capítulos:

Eu consagrarei os três primeiros ao estabelecimento sistemático das doutrinas gerais sobre as quais repousa diretamente o conjunto da ciência moral. O capítulo inicial instituirá a teoria positiva da natureza humana, segundo minha concepção subjetiva da harmonia *cerebral*. Sobre esta base, o segundo capítulo construirá a teoria do *Grande-Ser*, único que apresenta o desenvolvimento decisivo de tal existência. Então o terceiro capítulo poderá diretamente estabelecer a teoria definitiva da verdadeira *unidade*, cuja natureza e fonte se encontrarão, assim determinadas. Eis como o tratado que termino contém todos os princípios fundamentais daquele que anuncio, mas sem poder dispensar de sua elaboração sintética.

Nos seus quatro outros capítulos, o tomo final da filosofia segunda deve diretamente instituir a ciência indivisível do homem, estabelecendo as leis reais da nossa existência normal, segundo o conjunto das fatalidades que nos dominam. O quarto capítulo será concernente ao *corpo*, cujo estudo não pôde ser senão preparatório em biologia, mesmo a respeito dos animais, por falta das noções cerebrais, únicas a permitir a concepção da harmonia. Então os três últimos capítulos serão diretamente voltados ao estudo especial da alma, estabelecendo as leis gerais da existência sintética, primeiro *afetiva*, depois *especulativa*, enfim *ativa*.” (COMTE, 1895, p. 233-4, grifos do autor, tradução nossa).

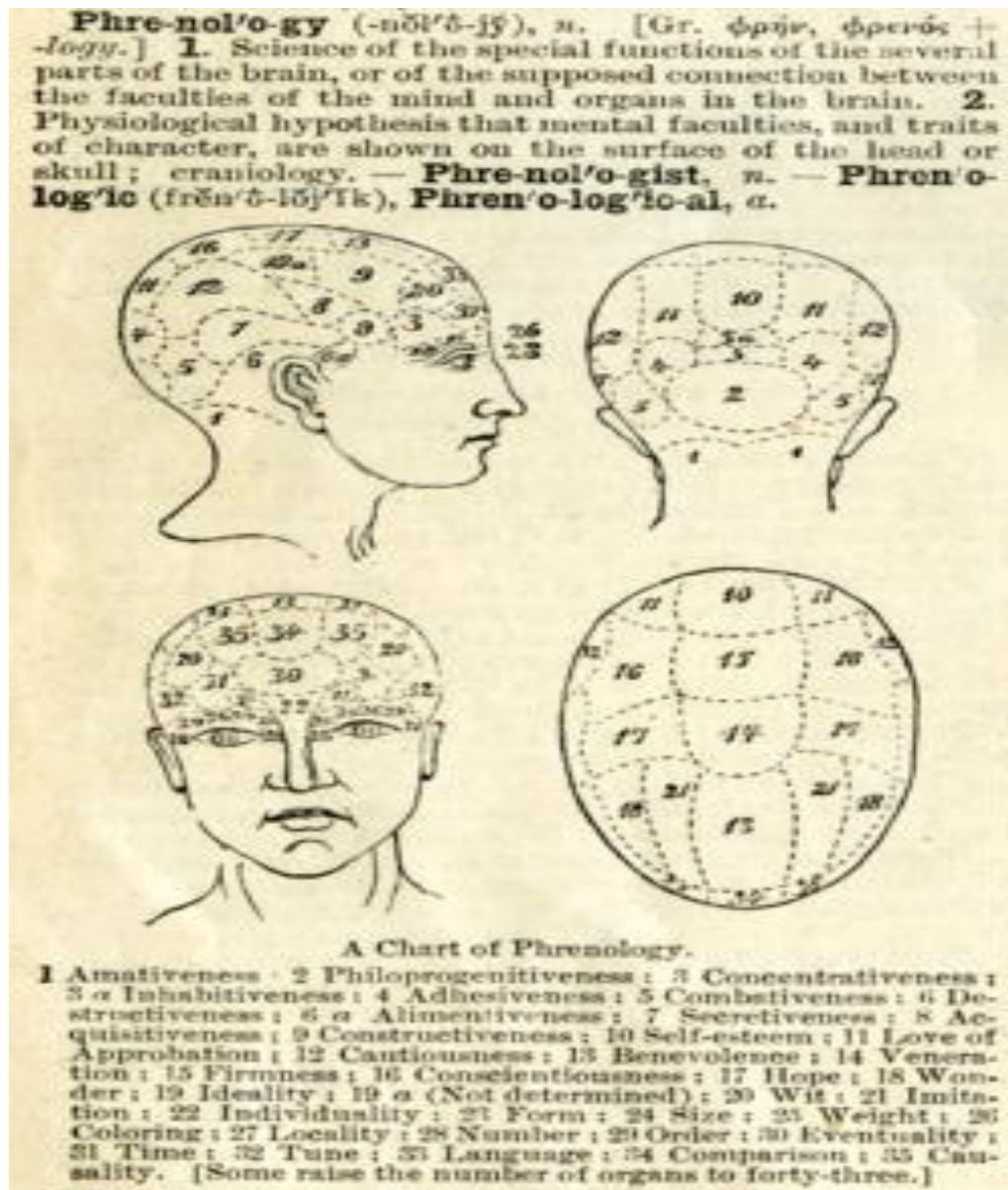
Em outras palavras estes capítulos aspiravam descrever o funcionamento de como é ou como deve ser o cérebro ou alma do indivíduo (capítulo 1º) contendo as 18 funções do cérebro; em continuidade com o primeiro capítulo como deveria ser a humanidade, a sociedade, o coletivo, a deusa (capítulo 2º); a religião, que permite a síntese, ou a unidade entre o indivíduo e o coletivo (capítulo 3º); a ligação entre o corpo e a alma ou o cérebro (capítulo 4º); a afetividade, a intelectualidade e a atividade/praticidade no ser humano e na humanidade (capítulos 5º a 7º).

O primeiro capítulo que trataria do quadro cerebral, revela ser a fundamentação

da moral comtiana uma fundamentação orgânica-natural. Na Carta a Valat, de 8/9/1824, o médico frenologista Franz Joseph Gall é louvado por ter através de sua doutrina possibilitado uma revolução que tornou positiva a fisiologia, na medida em que submeteu a ordem de fenômenos vulgarmente chamados *morais* ao método positivo (COMTE, 1973, p. 124). “A teoria frenológica e sua explicação de [sic!] funções cerebrais, seja a dos afetos ou da intelectualidade, tira o homem do campo da metafísica e põe o homem em tela [sic!] suas características científicas ou positivas: conferindo ao homem biológico uma dimensão coletiva, chega-se ao homem social.” (MARTINS, 2010, p. 39).

Um tanto quanto materialista, a teoria de Gall (1758-1828), pesquisador da morfologia craniana, propunha um mapa da ligação das faculdades mentais com certas porções do cérebro. Considerando ângulos e tamanhos de certas áreas, Gall definia atribuições às mesmas de acordo com as características físicas destas áreas, que poderiam ser observadas e medidas pela própria avaliação externa do crânio. O trabalho de Gall expandiu-se rapidamente e foi muito popular no seu século (XVIII-XIX), tendo muitos adeptos que acrescentaram outras divisões às classificações de Gall.

Para Gall características do cérebro podiam definir caráter, personalidade e outros. A seguir podemos observar um *chart* cerebral, fruto de alguns dos grupos adeptos da Frenologia. As faculdades eram conectadas com regiões do cérebro. Processos emocionais, capacidades cognitivas e reações fisiológicas eram distribuídos, considerando uma análise da morfologia do cérebro, inclusive considerando características externas.

Figura 1 - Phrenology<sup>21</sup>

Fonte: Wikimedia Commons.

Nesta figura a Frenologia é definida como a ciência das funções especiais de severas partes do cérebro, ou das supostas conexões entre as faculdades da mente e órgãos no cérebro. Ou como a hipótese fisiológica das faculdades mentais, e traços do carácter, mostrados na superfície da cabeça ou crânio; craniologia. Entre as partes estão listadas, por exemplo: amabilidade (1); concentratividade (3); inibição (4); serenidade (7); autoestima (10); firmeza (15); amor de aprovação (11); cautela (12); esperança (17); imitação (21); peso (25); número (28); linguagem (33). No final da lista

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:1895-Dictionary-Phrenolog.png>>. Acesso em 11 fev. 2014.

consta que alguns frenologistas elevaram o número de órgãos a 43.

O ponto alto do trabalho de Gall é o apontamento de que existem condições próprias no humano que podem permitir a moral, sem a necessidade da graça divina para sustenta-la. A presença das funções intelectuais, afetivas e práticas no próprio ser humano e a ideia que existem órgãos cerebrais, que podem ser correspondentes às funções cerebrais, indica haver disposições inatas no ser humano, que podem permitir a existência da moralidade, em certo sentido, independente da educação e de outros fatores externos.

Enquanto Gall dividiu em 27 partes o cérebro e tentou fazer um mapa das partes que correspondiam às faculdades de forma fragmentada e arbitrária, sendo que 17 delas também estariam presentes nos animais, Comte apostou em uma esquematização virtual das funções. Esta esquematização distancia-se deste mapa que estabelece a relação morfológica e a indicação de áreas correspondentes com partes do crânio, considerando o ser humano não em sua individualidade mas em relação à Humanidade. Comte formulou o *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma*, com uma classificação de 18 funções do cérebro, divididas em três categorias (3 qualidades práticas; 5 funções intelectuais e 10 motores afetivos) e acrescentou a influência do social ao conceito de disposições determinadas pelas características do cérebro no ser humano. A relação indivíduo — sociedade também foi tratada no quadro cerebral<sup>22</sup>. Abaixo segue o quadro sintetizado

---

<sup>22</sup> Esta relação entre o indivíduo e a sociedade é bem complexa. Primeiramente a sociedade se constitui a partir da associação entre indivíduos, e necessita do desejo voluntário à associação do indivíduo, mas em prol do benefício social do grupo e não em prol do egoísmo e do individualismo do sujeito. Mas ao mesmo tempo é o próprio egoísmo individual que motiva o indivíduo à socialização e ao *viver para outrem*. Em segundo lugar a sociedade é composta por indivíduos e pode ser então estudada a partir do estudo do indivíduo, mas a sociedade é um indivíduo também, de forma metafórica, e de uma forma abstrata representa o conjunto dos indivíduos. Então os indivíduos são sujeitos ou agentes e o coletivo é o grande sujeito. Mas curiosamente a abstração para Comte não é a sociedade mas o próprio indivíduo.

“Para não deixar nenhuma grave incerteza sobre o núcleo fundamental da filosofia positiva, importa atualmente dissipar diretamente, junto a todos os bons espíritos, a última fonte essencial das ilusões metafísicas, fazendo especialmente ressaltar a verdadeira natureza do ponto de vista humano, que, necessariamente, deve ser eminentemente social, e não apenas individual: pois, sob o aspecto estático assim como sob o aspecto dinâmico, *o homem propriamente dito não é, no fundo, senão uma pura abstração; não há nada de real senão a humanidade, sobretudo na ordem intelectual e moral*. Ora, a filosofia plenamente teológica, seja política, seja monotéica, é até agora a única, na verdade, que efetivamente satisfaz, à sua maneira, a esta evidente condição geral; e é sobretudo por isto que, apesar de sua extrema caducidade, ela não foi ainda suficientemente substituída. A metafísica antiga, escolástica, ou moderna, nunca ousou se elevar acima do simples ponto de vista individual, do qual se esforçou por consagrar dogmaticamente, sobretudo após a transação cartesiana, a preponderância

por Comte:

Figura 1 - Classificação positiva: *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma*<sup>23</sup>

HUMANIDADE		CLASSIFICAÇÃO POZITIVA		VIVER para OUTREM			
		Das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma Pelo Autor do Sistema de Filosofia Pozitiva					
AMAR, PENSAR, AGIR. AGIR POR AFEIÇÃO, E PENSAR PARA AGIR.	10 MOTORES AFETIVOS Inclinações, no estado ativo; e sentimentos, no estado passivo.	7 <i>Passais</i>	INTERESSE	Instintos da conservação	do individuo, ou <i>instinto nutritivo</i> 1	Decrecremento de energia, e crescimento de dignidade, de trás para diante, de baixo para cima, e dos lados para o meio. <b>IMPULSO</b> ( <i>Carção</i> )	
				da especie..	<i>instinto sexual</i> ... 2		
			Instintos do aperfeiçoamento	por destruição, ou <i>instinto militar</i>	3		
				por construção, ou <i>instinto industrial</i> .....	4		
			AMBIÇÃO	Temporal ou Orgulho, necessidade de dominio.....	5		
				Espiritual ou Vaidade, necessidade de aprovação.....	6		
			3 <i>Sociais</i>	Geraes Especiales	APEGO.....		8
		VENERAÇÃO.....			9		
		BONDADE, ou Amor universal (simpatia), <i>humanidade</i> .....			10		
		5 FUNÇÕES	INTELLECTUAES	CONCEPÇÃO	Passiva, ou Contemplação, donde materias objetivos.		Concreta, ou relativa aos seres, essencialmente <i>synthetica</i> .....
	Abstrata, ou relativa aos acontecimentos, essencialmente <i>analitica</i> .....				12		
	Ativa, ou Meditação donde construções subjetivas.			Indutiva, ou por comparação, donde <i>Generalização</i> .....	13		
				Deductiva, ou por coordenação, donde <i>Sistematização</i> .....	14		
	ESPRESSÃO. Mimica, oral, escrita, donde <i>Comunicação</i> .....			15			
	3 QUALIDADES	PRATICAS	ATIVIDADE	Coragem.....	16	<b>EZECUÇÃO</b> ( <i>Cardier</i> )	
				Prudencia.....	17		
			FIRMEZA, donde <i>Perseverança</i> .....	18			

Fonte: Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituido a religião da humanidade.

O *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma* resume a “ciência” que retrata o interior do indivíduo (os fenômenos humanos interiores), e descreve a natureza humana, a subjetividade da exterioridade que a pessoa passa (e o grupo, o coletivo, a sociedade, a humanidade). O quadro apresenta a natureza do ser humano tripartida em: sentimento, inteligência e vontade/caráter, e essa tripartição é a lei da moral, como os três estados são a lei para a sociologia.

absoluta, como o indica diariamente sua linguagem característica, recordando sempre pensamentos de isolamento e de concentração pessoal, que, apesar de vãs pretensões morais, devem o mais frequentemente desenvolver sentimentos de egoísmo.” (COMTE, 1975b, p. 715-716, grifo nosso, tradução nossa).

<sup>23</sup> Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702010000600022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000600022&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 11 fev. 2014.



As 18 divisões são distribuídas em 10 motores afetivos para o coração: 7 pessoais (5 de interesse: instintos de conservação — nutritivo, sexual e materno e instintos de aperfeiçoamento — militar e industrial; e 2 de ambição — temporal/orgulho e espiritual/vaidade) e 3 sociais (apego, veneração e bondade); 5 funções para a inteligência/espírito: concepção concreta, abstrata, indutiva, dedutiva e expressão — mímica, oral ou escrita; e 3 funções práticas/ativas: coragem, prudência e firmeza. Nessa natureza há a hegemonia do sentimento, e dos sentimentos egocêntricos, mas pode e deve haver a hegemonia dos sentimentos sociocêntricos, do altruísmo. Nas palavras de Comte o quadro apresenta:

O conjunto destes dezoito órgãos cerebrais constitui o aparelho nervoso central, que, por um lado, estimula a vida da nutrição, e por outro lado, coordena a vida de relação ligando suas duas espécies de funções exteriores. Sua região especulativa comunica diretamente com os nervos sensitivos, e sua região ativa com os nervos motores. Porém sua região afetiva só tem conexões nervosas com as vísceras vegetativas, sem nenhuma correspondência imediata com o mundo exterior, que só se liga a ela por meio das outras duas regiões. Este centro essencial de toda a existência humana funciona continuamente, em virtude do repouso alternativo das duas metades simétricas de cada um de seus órgãos. Quanto ao resto do cérebro, a intermitência periódica é tão completa como a dos sentidos e dos músculos. Assim, a harmonia vital depende da principal região cerebral, sob cujo impulso as outras duas dirigem as relações, passivas e ativas, do animal com o meio. (COMTE, 2005, p. 128).

O quadro cerebral resume a moral comtiana, justificando a possibilidade de passagem do egoísmo para o altruísmo, da animalidade para a humanidade. Como a humanidade espelha o indivíduo, assim também inversamente, o quadro reflete de algum modo a humanidade e lembra a religião da humanidade que também viabiliza a supremacia do sentimento, quando passa-se dos sentimentos egoístas caminhando para os sentimentos sociais, o altruísmo. “A. COMTE, na linha da superação do sobrenaturalismo, acentua o segundo dos dois grandes mandamentos do cristianismo, reduz / resume os dois ao segundo. Ele trata de viabilizar o segundo, o amor ao próximo, e, indiretamente, também o primeiro, mas a partir do segundo: amor à deusa humanidade sobre todas as coisas.” (TISKI, 2013b, posição 730).

Em resumo breve, após 1850 o conceito de moral em Comte se encerra como uma forma de grande arte, enquanto instrumento capaz de modificar o humano; é também o núcleo da religião positiva, que permite a união do indivíduo com a

humanidade; é uma ciência que tem um objeto próprio, sendo os fenômenos humanos o seu objeto; esta moral também será dividida em teórica e prática, sendo a prática identificada com a educação; pela dependência dos fenômenos morais da ordem dos demais esta ciência será a última, a sétima ciência no sistema positivo, a suprema; o método desta ciência será o método subjetivo, em que o observador e o modificador do objeto é o próprio objeto.

## **CAPÍTULO III – A MORAL POSITIVA**

*O amor por princípio.*

Augusto Comte

A apresentação da moral como uma ciência surgiu no *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade II*, capítulo primeiro, escrito entre dezembro de 1850 e janeiro de 1851.

Até então a apresentação do primeiro ordenamento hierárquico das ciências, proposto no *Curso de filosofia positiva*, publicado em seis volumes entre 1830/1842, organizava em seis as ciências positivas. Após o acréscimo da moral a hierarquia final é: a matemática, a astronomia, a física, a química, a biologia, a sociologia e a moral.

Antes desta hierarquia podemos localizar a moral, até a primeira metade do *Curso de filosofia positiva*, volumes I a III, inclusa na sistematização da biologia, mesmo havendo ocorrido o uso da expressão “ciências morais” nas cartas de 01/05/1824 a G. d’Eichthal e de 7/01/1832 a Marrast.

A partir da segunda metade do *Curso de filosofia positiva* a moral é inclusa na física social, e ainda continua pertencendo à biologia, mas agora é englobada subjetivamente na sociologia conjuntamente com a biologia.

Nesta fase a moral se localiza entre a biologia e a sociologia. É expressa as três acepções para a moral, a primeira como fato natural no indivíduo, a segunda como fato exterior e a terceira como amálgama social.

Mas como ocorreu com a sociologia e foi o processo de formação de todas as ciências, no qual se passa dos “conhecimentos espontâneos” aos “estudos sistemáticos”, dos “resumos empíricos” às generalizações e coordenações, assim também ocorreria com a moral.

Enquanto parte da sistematização da biologia — sendo a moral referida sobretudo como fenômeno moral dos indivíduos vivos, e como tal, pertencente aos estudos da fisiologia — a moral ocupa uma posição ambígua, mas já pode ser reconhecida em certo sentido como ciência, por estar contida em uma ciência positiva e por estar sujeita também ao método da filosofia positiva.

No *Discurso sobre o espírito positivo*, de 1844, sintetizador do *Curso de filosofia positiva* a novidade é a inclusão explícita da moral entre as artes. Esta relação remete ao reconhecimento da relação fundamental entre ciência e arte ainda não convenientemente concebida para Comte.

Até 1842 a moral era uma arte humana, contida na sociologia e podendo ser

também praticamente denominada pelo termo educação. Comte afirmou ter proposto inicialmente o *Tratado de moral* com o título *Tratado sobre a educação positiva* (TISKI, 2013c, posições 2563-2575).

E a partir do *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, de 1848, a transferência da moral para além da biologia e da sociologia pode ser verificada na explicação dos passos educacionais; estes consistiam em uma sequência pública de cursos científicos e tratariam das leis essenciais das diversas ordens dos fenômenos, com o objetivo de não só servir de base à coordenação moral, mas proporcionar a convergência de todas as preparações anteriores em direção à destinação maior, a social (TISKI, 2013c, posições 1343-1365).

Neste ponto há uma clara distinção entre a educação e a educação moral. A educação acompanharia a lei enciclopédica já traçada por Comte enquanto a educação moral estaria por ser constituída. Tiski cita Comte (do *Discurso preliminar do Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade*: COMTE, 1890, p. 99):

Quanto à educação moral propriamente dita, o regime positivo funda-a ao mesmo tempo sobre a razão [as demonstrações científicas] [...] e sobre o sentimento [exercícios para o desenvolvimento do sentimento social], mas dando sempre a esse último a preponderância, conforme o princípio fundamental da nova filosofia. (TISKI, 2013c, posição 1420, colchetes do autor).

A moral é pensada como passível de ser apreendida, como educação, inclusive o próprio Comte chega a citar até algumas obras como recomendadas ou não por poder influenciar neste aprendizado; estas obras podem ser verificadas na sua *Biblioteca do proletário no século XIX* e na *Biblioteca positivista no século XIX*.

Deste modo enquanto a moral positiva permite a reorganização moral social Comte indicará a aptidão necessária do positivismo que se liga e tende ao domínio da existência humana, não só individual mas também coletiva, sob a impulsão imediata e contínua do sentimento social (TISKI, 2013c, posições 1360-1373).

Este domínio da sociabilidade, é equivalente a educação social, 'educação sentimental de nossa espécie'. Por este potencial modificador da moral positiva, de fazer prevalecer os impulsos sociais sobre os impulsos egoístas, a moral se torna e é

também arte.

A subdivisão da moral em teórica e prática ocorrerá em 1850-1851, mas efetivamente quando a moral será a moral propriamente dita e a outra será a moral prática ou também chamada de educação será apenas em 1854. Antes desta divisão efetiva a moral é tomada como núcleo da religião, mesmo antes mas também desde 1848, quando surge a religião da humanidade.

Nesta religião a humanidade é afirmada como o ser superior e se aproxima mais do ser humano individual. A humanidade representa também a ordem social e contém a ordem biológica e cosmológica. E a humanidade se realiza nos sentimentos do amor. E é através da religião da humanidade que ao sacerdote é atribuído o papel de poder influenciar toda a natureza humana, a individual e a coletiva.

No capítulo primeiro do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituinto a religião da humanidade II*, publicado em 1852, Comte promoveu a moral a posição superespecial, tornando-a o sétimo degrau de fenômenos da realidade, e a sétima ciência fundamental. O *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituinto a religião da humanidade IV*, retoma, continua, desenvolve e conclui o projeto do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituinto a religião da humanidade*. No *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituinto a religião da humanidade IV* Comte prometeu o *Tratado de filosofia matemática*, para ser escrito em 1856, e o *Tratado de moral teórica ou moral propriamente dita*, seria escrito em 1858 e o *Tratado de moral prática ou educação* seria para o ano seguinte, seguido ainda do *Tratado sobre a ação*, para o ano de 1861, e do *Tratado de filosofia primeira* para um pouco mais tarde. A esses 5 tratados escritos por Comte se somariam mais 5 (de astronomia, de física, de química, de biologia e de sociologia), sendo estes outros escritos por sucessores, para formar o projeto comtiano final chamado de *Síntese subjetiva*.

Robinet descreve os quadros que Comte deixou que iriam compor a moral teórica e moral prática:

#### Moral theorica

Instituinto o conhecimento da natureza humana

Introdução: Filosofia primeira, Filosofia segunda, moral theorica.

Theoria cerebral (funções interiores, funções exteriores, innervação).

Theoria do Grande-Ser (a Humanidade), (família, matria, Humanidade).

Theoria da unidade (união, unidade, continuidade).

Theoria vital (existencia, saúde, molestia).

Theoria do sentimento (personalidade, sociabilidade, moralidade).

Theoria da intelligência (razão abstrata, razão concreta, harmonia mental).

Theoria da atividade (pratica, filosofica, poetica)

Conclusão: synthese, sympatia, religião (súnergia)

### Moral prática

Instituindo o aperfeiçoamento da natureza humana

Introdução:

Educação propria á primeira infância (desde a concepção até sete annos).

Educação propria á segunda infância (dos sete aos quatorze annos).

Educação propria á adolescencia (dos quatorze annos aos vinte e um).

Educação propria á juventude (dos vinte e um annos aos vinte e oito).

Educação propria á virilidade (dos vinte e oito aos quarenta e dois annos).

Educação propria á madureza (dos quarenta e dois aos sessenta e trez annos).

Educação propria ao retiro (dos sessenta e trez annos até a morte).

[sic!] (ROBINET, 18-- , p. 128-129).

Com a morte de Comte a obra não foi concluída por ele, mas Pierre Laffite elaborou, sistematizou e expôs oralmente este remate do sistema inteiro de filosofia positiva.

O curso de moral positiva, ministrado por Laffite compreendia vinte lições de moral teórica e vinte lições para a moral prática, designado para dois anos de curso seguindo o plano traçado por Comte (ROBINET, 18-- , p. 129-130).

A moral teórica enquanto ciência positiva constituir-se-ia como um prolongamento do saber popular, e sua teorias se limitariam a precisar os preceitos empíricos da razão universal. A moral teórica seria ainda a mais sintética de todas as ciências da enciclopédia positiva e todos os aspectos abstratos das outras ciências



serviram espontaneamente para construir um guia para a razão prática (ROBINET, 18--, p. 130-131).

Para Comte a cosmologia estabelece as leis simples da materialidade, a biologia constrói sobre esta base a teoria da vitalidade, a sociologia subordina a este duplo fundamento o estudo próprio da existência coletiva, mas só a moral pode estudar convenientemente os sentimentos dos seres humanos que figuram na sociologia, por meio dos impulsos que exercem na vida comum ou pelas modificações que desta vida comum recebem, pois estes sentimentos adquirem dignidade superior no conjunto da natureza humana (COMTE, 1978c).

Deste modo a moral teórica precisa sistematizar o conjunto da existência humana: o sentimento, a inteligência e a ação. Mas à moral é imprescindível o social.

E uma vez que a moral se apropria das outras ciências que a precedem, também irá se utilizar dos vários métodos destas ciências como a observação, indução, experimentação, comparação, filiação e recorrerá especialmente ao método subjetivo e a forma de dedução, consideradas as formas mais próprias para a construção direta, sendo que este método subjetivo é o único apto a reger os outros métodos e também é aquele que aproxima o objeto e o sujeito, até então separados nos outros métodos (ROBINET, 18--, p. 132).

E o problema principal abordado por esta moral teórica é a teoria da alma, esboçada no *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma*. Este quadro expressa as faculdades mentais e morais dos seres humanos. Dividindo o estudo das funções cerebrais em simples e compostas.

As funções simples estão ligadas a três tipos:

(1) *ao egoísmo direto e fundamental*, que inclui os instintos básicos relacionados a necessidades de sobrevivência como instinto nutritivo, sexual, materno, destruidor, construtor,

e ao egoísmo indireto: identificados com a vaidade e o orgulho,

e logo após ao altruísmo: apego, veneração e bondade,

(2) *a inteligência*: contemplação concreta ou observação dos seres; contemplação abstrata ou observação das propriedades, dos acontecimentos particulares dos seres, meditação indutiva e meditação dedutiva e expressão;

(3) *ao carácter, a atividade*: que incluem a coragem, a prudência, a perseverança.

E as funções compostas do cérebro são as mais diretamente apreciadas na conduta humana, e que imediatamente determinam os nossos atos, seja por meio das faculdades simples, das elementares, ou ainda pela composição destas funções (ROBINET, 18--., p. 133).

Posteriormente à biologia, que trata dos seres vivos, e da sociologia que trata dos agentes, a moral atua e procede considerando os sentimentos. ROBINET (18--., p. 133) comenta:

A moral fixa e retoma, após a biologia, a natureza própria de cada uma destas faculdades separadamente; constata o genero de aperfeiçoamento que, de seu exercício, resulta para cada uma; enfim, compara a evolução particular ao sentimento, á intelligencia e á atividade, no indivíduo e na espécie. [sic!].

A moral reúne as condições cosmológicas e fisiológicas de exercício, de evolução e aperfeiçoamentos das combinações mentais e morais possibilitando fixar com precisão os diferentes aspectos da natureza humana: os estados gerais do carácter, do sentimento e da inteligência (ROBINET, 18--., p. 134).

Robinet afirma que primeiramente a moral aborda a *Teoria das utopias morais* e secundariamente a *Teoria dos seres coletivos*. Respectivamente uma tratando da reação do cérebro e dos elementos de sua ação e a outra da família, da pátria e da humanidade. Sendo a humanidade *o conjunto dos seres convergentes*.

Já a moral prática, “repousa inteiramente sobre a concepção positiva do *dever*” e estruturada sobre os conhecimentos derivados da moral teórica, prepara, conforme o sistema de educação positiva, os seres humanos desde sua infância até a morte na velhice, para seguirem aos preceitos da moral teórica. O sistema de educação opera com a moral pessoal, a moral doméstica e a moral social. É no seio da família que começa a evolução individual do sentimento social, por meio do desenvolvimento da afeição filial, em seguida passa a fraternal, a conjugal e a paternal. E a moral social é aquela que diretamente atua no reestabelecimento da harmonia e da conciliação definitiva da ordem e do progresso, por meio do amor (ROBINET, 18--., p. 135-136, grifo do autor).

Uma diferença fundamental entre a moral prática e a teórica é que a moral teórica institui as noções comuns e a moral prática, além de instituir as regras comuns a todos do grupo, destina-se a aplicar individualmente as regras também, integrando as diferenças que as noções comuns a todos do grupo deixam de lado. E é a moral prática enquanto técnica para o aperfeiçoamento da natureza humana que equivale à arte, enquanto a moral teórica equivale à ciência.

Ainda que a família seja o elemento fundamental e o tipo mais simples de coletivo, que sucessivamente tece a cidade, a pátria e finalmente a humanidade, o Grande-Ser, e que a associação cívica seja um tipo mais complexo e elevado de agrupamento doméstico, só pela associação religiosa é que se pode chegar a uma completa unidade, porque então as mais altas preocupações asseguram uma harmonia que até então só era determinada pelo concurso activo necessário à satisfação de necessidades menos gerais e menos elevadas. (ROBINET, 18--, p. 141).

Assim a religião é caracterizada pelo estado de harmonia plena, tanto coletiva quanto individual, e espiritual e do coração. A religião é a harmonia do Grande-Ser com o Grande-Meio e o Grande-Fetichê.

Em 1943 e 1944, Luis Lagarrigue, chileno, publicou respectivamente os textos: *Moral teórica – Bosquejo del Sistema de Moral Teórica, Proyectado por el Supremo Maestro Augusto Comte* e *Moral práctica – Bosquejo del Sistema de Moral Práctica O Tratado de educación universal, Proyectado por el Supremo Maestro Augusto Comte*, na tentativa de produzir os tratados prometidos por Comte e classificou como os sete degraus da escala sagrada o Grande-Meio, o Céu, o Fluido, o Grande-Fetichê, a Vegetalidade, a Animalidade e o Grande-Ser (LAGARRIGUE, 1943).

E a necessidade fundamental de harmonia social determina, além da preponderância universal do coração sobre a inteligência e a atividade, da sociabilidade sobre a individualidade, do altruísmo sobre o egoísmo, e da veneração sobre o orgulho que gera a insubordinação, o amor como condição para harmonia, que é também o resumo e a finalidade da moral positiva, o que liga as partes. Se o cristianismo acentua o amor a Deus (e ao próximo), o positivismo de Augusto Comte fala de amor à Humanidade:

A evolução fundamental da humanidade, como o conjunto da hierarquia animal, apresenta, em todos os sentidos, uma harmonia de mais em mais completa à medida que se aproxima dos tipos superiores. Mas a natureza desta unidade permanece sempre a mesma, apesar das desigualdades quaisquer de seu impulso efetivo. A única distinção admissível se refere aos dois modos diferentes de nossa existência, ora individual, ora coletivo. Embora sempre ligados de mais em mais, estes dois modos não serão jamais confundidos, e cada um deles suscita uma atribuição correspondente da religião. Este estado sintético consiste assim, ora em *regrar* cada existência pessoal, ora em *reunir* as diversas individualidades.” (COMTE, 1907, p. 8-9, grifos do autor, tradução nossa; COMTE, 2005, p. 5).

Por fim o que edifica a harmonia social é o amor, porque o amor se apresenta como condição primeira da permanência e do aperfeiçoamento de nossa espécie. A partir da garantia do amor se pode pensar em sistema, síntese, unidade, religião, mas a o estado religioso repousa ainda sobre a combinação permanente de duas condições paralelamente fundamentais, amar e crer (COMTE, 1907; COMTE, 2005).

A religião compreende três partes: o dogma, o culto e regime. De modo que o dogma se une ao culto, a fim de sistematizar o regime. Sendo o dogma a parte intelectual, ou os pensamentos, que determina a ordem exterior (cosmológica, biológica e sociológica) e nos domina; o culto o domínio do amor, ou seja os sentimentos e o regime seriam os atos. Sendo também o dogma, o culto e o regime correspondentes à filosofia, à poesia e à política.

Na mesma medida que as religiões são sistematizações, sínteses, Comte passa a esclarecer que para a religião positiva o melhor modo sintético é a síntese na humanidade, realizada por meio da inteligência, mas como ele afirmou que sua carreira estava demasiado avançada para permitir que ele executasse inteiramente esta sistematização decisiva do dogma positivo, ele se limitou a caracterizar o dogma que terminaria na *Síntese subjetiva*.

Assim a moral positiva é parte da religião da Humanidade, é o seu núcleo e arte também sendo o amor o princípio universal. E *Viver para outrem* vem a ser o resumo natural de toda a moral positiva e *O Amor por princípio, a Ordem por base e o Progresso por fim* a fórmula segrada do positivismo. A moral positiva se estende à vida privada (subdividida em íntima, individual ou pessoal e doméstica ou familiar), pública e social ou universal.

A máxima *Viver para outrem* consagra para Comte, as inclinações

benevolentes, fonte comum da felicidade e do dever. Combinando no positivismo o que era inconciliável para as outras doutrinas, a felicidade e o dever. Neste sentido a religião da Humanidade deve consistir em regularizar a cultura direta dos instintos simpáticos.

Podemos concluir que para Augusto Comte a solução do problema moral apresenta muitas características. Assim para a moral trata-se de perceber inicialmente que a filosofia moral ou ética comtiana começa supondo a moral no ou do sujeito, e na regra exterior e também assumida interiormente (conforme as três acepções de “moral”), às apalpadelas no sentido de fazer da moral uma ciência distinta (segundo a tentativa de realizar a sistematização da moral em termos de ciência), mas ao mesmo tempo retrocedendo e incluindo a moral na biologia e na sociologia, que enquanto ciências já estavam estabelecidas. E ainda afirmando a preponderância desta moral como o restante legítimo e necessário da religião. Passando então a acentuar e esclarecer a distinção entre a moral sistemática e a moral espontânea. Até tratá-la como uma arte também. Chegando a assumir, após afirmar a existência da religião da humanidade, a elevação à 7ª ciência distinta, última e suprema. Dividida posteriormente em teórica e prática ou educação, e esboçada para ser explicitada em um tratado a seu respeito. Para finalmente, ser esta moral escrita com “m” maiúsculo, cuja natureza compreende e engloba a própria ciência sociologia e a biologia, e finda na condensação ternária da escala enciclopédica positiva. Podendo então ser destacado novamente, que a sua filosofia moral ou ética positiva se encerra nas três acepções, “[...] equacionando a capacidade moral, a regra moral e a sua assunção e cumprimento voluntários, isto é, desde o interior [...]” (TISKI, 2013c, posições 2485-2495).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente concluímos não haver distinção entre o termo ética e moral no pensamento de Comte, permanecendo o uso predominante do termo moral. Secundariamente podemos destacar três acepções existentes para a moral ao longo do trabalho de Comte. A primeira acepção referida como um **fato natural no indivíduo**; a segunda acepção como **algo exterior ao indivíduo** e a terceira acepção como **relação e condição de organização** do indivíduo com o coletivo, do humano com a Humanidade.

Em terceiro lugar concluímos que a classificação da moral como ciência deriva da estruturação do sistema de filosofia positiva, iniciado com a reivindicação de Comte por um sistema terrestre para contrapor-se ao supraterrrestre (sobrenatural) sistema. A reivindicação por um sistema terrestre resultará não só na concepção da mentalidade positiva e na definição da natureza desta mentalidade, tornando-se o referencial teórico para definir a diferença entre o conhecimento positivo, fictício e metafísico, como findará na lei dos três estados que atuará diretamente na constituição do conceito de ciência moral.

E é a lei dos três estados intelectuais que permite a atribuição de valoração e hierarquização dos três estados e comportará a organização e a subdivisão das espécies de conhecimentos gerados no estado positivo: os conhecimentos teóricos e/ou práticos e a classificação dos conhecimentos gerados no estado positivo sendo conhecimentos gerais ou particulares, de acordo com o gênero dos fenômenos que dividem os grupos das ciências.

Sendo a lei dos três estados o princípio norteador e estabelecedor dos preceitos para a hierarquização das ciências, serão estes princípios os elevadores da moral à sétima ciência no sistema de filosofia positiva, composto até então por seis ciências, a matemática, a astronomia, a física, a química, a biologia, a sociologia. E esta ciência moral passa a ser ciência no positivismo por tratar do sétimo núcleo de fenômenos, dos fenômenos humanos.

Nota-se a passagem das ciências para sete, incluindo a moral a partir do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da*

*humanidade II*, capítulo primeiro, escrito de 12/1850 a 01/1851. E a moral positiva permite por meio do relativismo a negação da religião e a revalorização do aspecto moralizador da religião, a possibilidade da fundação de uma religião sem um Deus sobrenatural, uma religião voltada para o humano, para a Humanidade.

Contudo a religião da Humanidade não precisa justificar a moral por meio de princípios externos, sendo esta moral sustentada na própria natureza do ser humano, na predisposição de seus órgãos. Facultando ao pensamento de Comte a coerência para passar de um racionalismo praticista para um racionalismo praticista sentimentalista, no qual o sentimento é declarado hegemônico na vida humana.

E a busca em justificar haver no humano a existência de predisposição para valorar a ação sem apoio em Deus levará à fundamentação desta moral em um modelo biológico. Este modelo biológico equivale à primeira acepção de moral positiva, a moral enquanto algo inato ao ser, ou interno no sujeito. E a tentativa de definir a natureza deste humano levará Comte à construção do quadro cerebral que deveria apresentar como é ou como deve ser o humano.

O quadro cerebral apresenta a natureza humana tripartida em sentimento, inteligência e caráter. E esta tripartição é a lei da moral, como os três estados são a lei para a sociologia. E o quadro apresenta 18 divisões distribuídas em 10 motores afetivos para o coração, 5 funções para a inteligência/espírito e 3 funções práticas/ativas. Nessa natureza há o indivíduo, a humanidade e a máxima *viver para outrem*.

E enquanto ciência do indivíduo e conhecimento da natureza humana é a moral teórica. E o aperfeiçoamento desta natureza é a moral prática. E a ciência moral teórica, enquanto ciência da natureza humana seria apresentada no capítulo primeiro do volume um do tratado de moral (prometido por Comte para ser escrito nos próximos anos mas não concretizado devido a sua morte), como a “teoria positiva da natureza humana” e realizaria a exposição da “concepção subjetiva da harmonia cerebral” adensada no *Quadro das dezoito funções internas do cérebro ou quadro sistemático da alma*, e o segundo capítulo abordaria o coletivo, a humanidade como um reflexo desta moral interna, mas

como a segunda acepção de moral, e enquanto moral externa ou conjunto de regras que auxilia e possibilita a passagem do egoísmo para o altruísmo por meio do desenvolvimento da inteligência, da atividade e do desenvolvimento do sentimento; e o terceiro capítulo trataria da religião da humanidade, que unifica o indivíduo e o coletivo, conectando a ordem natural e a ordem social do coletivo por meio do amor.

Por outro lado a identificação do altruísmo será a condição de possibilidade de tornar real esse sistema positivo de moral sem Deus sobrenatural, sendo o quadro cerebral a base para expor que por meio das funções cerebrais esta condição de possibilidade é natural, inata. Sendo que o papel do social no movimento de passagem do egoísmo ao altruísmo só é possível porque é inerente às próprias funções do cérebro esta passagem, mas o social é essencial por ser o único capaz de proporcionar o movimento contínuo desta passagem. E a ligação entre a moral interna com a externa, do inato com o social, e da primeira acepção com a segunda acepção, se identifica com a terceira acepção de moral presente no pensamento de Comte, a moral enquanto amálgama social.

Assim o fim desta ciência, a moral positiva, é buscar a passagem do egoísmo para o altruísmo, tendo o princípio *viver para outrem* como imperativo para a moral. E como garantia e instrumento de transição para esta moral científica Comte insere a religião da humanidade para cultivar esse altruísmo por excelência. E organiza uma concepção de um programa de moral universal prático para viabilizar sua teoria. As mesmo tempo a moral é identificada com a grande arte por tornar possível a passagem do egoísmo ao altruísmo.

Ainda no mesmo capítulo primeiro do *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade II*, em que a moral surge como ciência, escrito de 12/1850 a 01/1851 a moral é dividida explicitamente, pela primeira vez, em teórica e prática. Sendo que no *Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituído a religião da humanidade IV*, de 1854, a moral prática é identificada com a educação. E identificada com a educação a moral positiva acaba correlacionando-se com uma educação do coração, tendo como finalidade própria o desenvolvimento da simpatia. E a



simpatia é também acrescida à lista das acepções do positivo, ou seja, a lista das características da mentalidade positiva em contraposição ao antigo regime.

E a moral apresenta enquanto ciência dos fenômenos humanos um método específico, este método é o construtivo ou o método subjetivo. E o método da moral assim como a ciência se torna o método, o sétimo método e o supremo método no sistema positivo, sucedendo o método histórico das ciências sociais e afastando-se do método objetivo.

E finalmente o grau de dependência dos fenômenos humanos com relação aos outros fenômenos e o método desta ciência posicionará a moral como a sétima ciência positiva. E esta ciência assumirá o topo da hierarquia das ciências positivas, uma vez que a moral comporta o sétimo método torna-se a ciência e o método supremo, final e a moral é escrita com “m” maiúsculo.

Então o conceito de moral em Comte está associado a esta plataforma conceitual do sistema de filosofia positiva e está calcado na lei dos três estados, sendo esta definição resultante da tentativa de extração de uma lei universal que rege as relações sociais formulada por Augusto Comte. E enquanto hierarquizada a partir desta lei dos três estados a ciência moral positiva depende do sistema de filosofia positiva para conservar a sua hierarquia e sua definição de ciência. E esta ciência moral tendo por objeto os fenômenos humanos, que distinguem-se dos outros fenômenos a partir da relação de dependência e influência dos fenômenos uns sobre os outros, vem a ser além de ciência positiva a sétima ciência positiva, portadora do método subjetivo.

Por último podemos concluir que o instanciamento das implicações do conceito de moral em Comte pede um recorte preciso da abordagem e um aprofundamento dos conceitos com explorações transdisciplinares dos problemas e das definições não só tradicionais, como das atuais, devido à emergência de problemas inéditos que surgem reconfigurando o cenário de debate e as questões de interesse para o tratamento do conceito de moral.

De qualquer modo, verificamos a nossa hipótese/tese da existência da proposta de uma moral científica em Augusto Comte.

## REFERÊNCIAS

COMTE, A. **Teoria geral da religião, ou Teoria positiva da unidade humana. [Sistema de política positiva ou Tratado de sociologia Instituinte a religião da humanidade II, cap. 1, escrito de 12/1850 a 1/1851]**. Trad. Pedro Bertóme de Mendonça. Curitiba: Ed. Progressiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **Correspondance générale et confessions**. T. VIII. Textes établis par P. E. de B. Carneiro et présentés par A. Kremer-Marietti. Paris: Ehess/Vrin, 1990.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. T. V. Textes établis et présentés par P. E. de B. Carneiro et P. Arbousse-Bastide. Paris: Ehess/Vrin/Mouton, 1982.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. T. IV. Textes établis et présentés par P. E. de B. Carneiro et P. Arnaud. Paris: Ehess/Vrin/Mouton, 1981.

\_\_\_\_\_. **Curso de filosofia positiva; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Nova Cultural, 1978 (Col. Pensadores - indicaremos o primeiro com "a" e o terceiro com "c").

\_\_\_\_\_. **Correspondance générale et confessions**. T. III. Textes établis et présentés par P. E. de B. Carneiro et P. Arnaud. Paris: Ehess/Mouton, 1977.

\_\_\_\_\_. **Cours de philosophie positive**. Paris: Hermann, 1975b. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Cours de philosophie positive**. Paris: Hermann, 1975a. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Correspondance générale et confessions**. T. I. Textes établis et présentés par P. E. de B. Carneiro et P. Arnaud. Paris: Ephe/Mouton, 1973.

\_\_\_\_\_. Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: \_\_\_\_\_. **Opúsculos de Filosofia Social**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

\_\_\_\_\_. **Système de politique positive ou Traité de sociologie Instituinte la religion de l'humanité**. T. II. 4. ed. Paris: Imp. de la société typographique, 1907.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. T. IV. 3. ed. Paris: Imp. Larousse, 1895.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. T. I. 3. ed. Paris: Imp. Moderne, 1890.

DIDEROT, D. (ed.); d' ALEMBERT, J. le R. (co-ed.). **Encyclopédie**. Paris: André le Breton, Michel-Antoine David, Laurent Durand, and Antoine-Claude Briasson, 1751.

GIACÓIA JR., O. **Discurso filosófico e discursos científicos**: convergência e dispersão. Estudo sobre o conceito e a função da filosofia no Curso de filosofia positiva de Augusto Comte. p. 152. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1983.

HAZLITT, H. **The foundations of morality**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2012.

LACERDA, G. B. Augusto Comte e o "positivismo" redescobertos. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba. v. 17, n. 34, pp. 319-343, 2009. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/rsp/article/view/29365/19128>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

LAGARRIGUE, L. **Moral práctica**: bosquejo del sistema de moral práctica O Tratado de educación universal, proyectado por el supremo maestro Augusto Comte. Santiago de Chile: Fundación J. E. Lagarrigue, Imprenta universitaria, 1944.

\_\_\_\_\_. **Moral teórica**: bosquejo del sistema de moral teórica, proyectado por el supremo maestro Augusto Comte. Santiago de Chile: Fundación Juan Enrique Lagarrigue, Editorial Ercilla, 1943.

LITTRÉ, É. **Auguste Comte et la philosophie positive**. Paris: Typ. Lahure, 1877.

MARTINS, G. P. **O Positivismo**: uma linguagem dos sentimentos. p. 88. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 30 de set. 2010.

MONTESQUIEU, C. L. **O espírito das leis**. Trad. Cristina Murachco. 4. ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

RABUSKE, E. A. **Antropologia filosófica**. Porto Alegre: Ed. EST, 1932.

ROBINET, J. **Philosophia positiva**. Trad. Belisário Vieira Ramos. Rio de Janeiro: CIA Brasil Editora, [18--].

TISKI, S. **A questão da moral em Augusto Comte**. Marília: Poiesis Ed. 2013c.

\_\_\_\_\_. **Urgência da moral**: a questão da moral em A. Comte e algumas sugestões quanto à preocupação moral contemporânea. Marília: Poiesis Editora, 2013b.

\_\_\_\_\_. Introdução à vida, às obras e ao pensamento de Comte. In: HENNING, L. M. P. e TISKI, S. **Positivismo, pragmatismo e educação**. Marília: Poiesis Editora, 2013a, posições 195-877.

WAAL, F. **Eu, primata**: por que somos como somos. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

## BIBLIOGRAFIA

BENOIT, L. O. **Sociologia comteana: gênese e devir**. São Paulo: Discurso editorial, 1999.

CARNEIRO, D. (Org.). **Positivismo e humanismo**. Curitiba: Edição Centro Positivista do Paraná, 1993.

COMTE, A. **Correspondance générale et confessions**. T. VII. Textes établis par P. E. de B. Carneiro et présentés par A. Kremer-Marietti. Paris: Ehess/Vrin, 1987.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. T. VI. Textes établis par P. E. de B. Carneiro et présentés par P. Arbousse-Bastide. Paris: Ehess/Vrin, 1984.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. T. II. Textes établis et présentés par P. E. de B. Carneiro et P. Arnaud. Paris: Ehess/Mouton, 1975.

\_\_\_\_\_. **La synthèse subjective d'Auguste Comte ou Système universel des conceptions propres à l'état normal de l'humanité**. Système de logique positive ou Traité de philosophie mathématique. T. I. 2. ed. Paris: Fonds typographique de l'exécution testamentaire d'Auguste Comte, 1900.

\_\_\_\_\_. **Testament d'Auguste Comte. Avec les documents qui s'y rapportent. Pièces justificatives. Prières quotidiennes. Confessions annuelles. Correspondance avec Mme de Vaux**. 2. ed. Paris: Fonds typographique de l'exécution testamentaire d'Auguste Comte, 1896.

\_\_\_\_\_. **Système de politique positive ou Traité de sociologie Instituant la religion de l'humanité**. T. III. 3. ed. Paris: Imp. Larousse, 1895.

\_\_\_\_\_. **Appel aux conservateurs**. Paris: E. Thunot, 1855.

CORRA, É. **La morale sociale**. Paris: E. Pelletan, Bibliothèque sociale et philosophique, 1905.

COSTA, Cruz. **Augusto Comte e as origens do positivismo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

COSTA, Claudio. **Filosofia da mente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HENNING, L. M. P. O lugar e o significado da infância no Sistema de filosofia positiva. **Temas & Matizes**, v. 9, p. 15-24, 2006.

\_\_\_\_\_. Divergências e convergências entre pragmatismo e positivismo. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 11, p. 1663-1677, 2005.

LACERDA, A. V. **A republica positivista: teoria e ação no pensamento político de Augusto Comte**. Curitiba: Edição Centro Positivista do Paraná, 1993.

LAFFITTE, P. **Cours de philosophie première**. T. I. Paris: Émile Bouillon, 1889.

MENDES, R. T. **Auguste Comte**: evolução original; documentos publiés jusqu'ici montrant la parfaite continuité de cette évolution sans pareille, malgré les troubles profonds dus à la funeste liaison avec Saint-Simon. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1913.

MILL, J. S. **Augusto Comte and positivism**. Don Mills: The University of Michigan Press, 1961.

SAMPAIO, F. **Filosofia positiva**: com Deus e a alma e moral persuasiva justificada pelo maior de todos os instintos. Belém: s/editora, 1946.

TISKI, S. Ensinar ciência ou humanidades, segundo Augusto Comte. **Educere et educare** – Revista de Educação. UNIOESTE. v. 4, n. 7, p. 113-131, jan./jun. 2009.

\_\_\_\_\_. A história em Comte. **Boletim**– Revista do CLCH da UEL, Londrina, n. 56, p. 9-46, jan./jun. 2009.

\_\_\_\_\_. A questão do materialismo em Comte. **Boletim**– Revista do CLCH da UEL, Londrina, n. 54, p. 95-128, jan./jun. 2008c.

\_\_\_\_\_. Imutabilidade mutável. Revista **Discutindo Filosofia**. v. 12, p. 20 – 23, 2008b.

\_\_\_\_\_. A questão do ateísmo em Comte. **Boletim**– Revista do CLCH da UEL, Londrina, n. 55, p. 107-130, jul./dez. 2008a.

\_\_\_\_\_. As sete acepções de “positivo” e a sua relação com a educação em Comte. **Temas & Matizes**, Unioeste – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Cascavel. v. 5, n. 9, p. 7-14, 1. semestre de 2006.

\_\_\_\_\_. **A questão da religião em A. Comte**. Londrina: Eduel, 2006.

\_\_\_\_\_. Contribuição para repensar A. Comte: o seu relativismo. **Revista tudo flui** - Revista da Aduel - Sindiprol. v. 4, p. 39 – 44, 1999.

VEATCH, H. B. **Ética del ser racional**. 2. ed. Barcelona: Labor, 1969 (Nueva Colección Labor; 47).

WADDINGTON, C. H.; MARINO, M. A. **El animal ético**. Buenos Aires: Eudeba, 1963.